

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Centro de Ciências Humanas (CCH)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social

Linha Memória e Espaço

Alexander Noronha de Albuquerque

A memória dos trabalhadores metalúrgicos do Rio de Janeiro

na perspectiva da autogestão: o caso Remington

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Orientador: Marco Aurélio Santana

Rio de Janeiro

2007

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Centro de Ciências Humanas (CCH)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social

Linha Memória e Espaço

Alexander Noronha de Albuquerque

A memória dos trabalhadores metalúrgicos do Rio de Janeiro

na perspectiva da autogestão: o caso Remington

Aprovada em 27/03/2007

Banca Examinadora:

Prof Dr Marco Aurélio Santana (orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Elina Pessanha
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profª Drª Icléia Thiesen
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Albuquerque, Alexander Noronha de

A memória dos trabalhadores metalúrgicos do Rio de Janeiro na perspectiva da autogestão: o caso Remington/ Alexander Noronha de Albuquerque. -- Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2007.

87 p. : il. ; 29,7 cm.

Orientador: Marco Aurélio Santana

Dissertação – : Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2007.

*1. Memória. 2. Autogestão. 3. Identidade. 4. Trabalhadores. 5. Metalúrgicos
I. Tese. II. Albuquerque, Alexander Noronha de. III. Santana, Marco Aurélio.
IV. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social. V. Título.*

Agradecimentos

Esta dissertação é fruto da colaboração de inúmeras pessoas que, ao longo da minha trajetória acadêmica, sempre me incentivaram, tornando possível a concretização desse sonho: o registro de memória de um projeto coletivo que simboliza a capacidade operária de transformar peças, máquinas e seres humanos.

Agradeço a minha extensa família composta por irmãos, cunhados e sobrinhos que, tenho certeza, torceram muito para a chegada desse momento.

Às minhas quatro filhas, representadas aqui pela pequena Maíra, semente de uma nova era.

A Giselle, minha esposa e companheira que me “empurrou” para o meu desenvolvimento acadêmico. Parte de um projeto de amor e vida em comum para todo o sempre.

Aos bons companheiros da UERJ, pelo aprendizado sociológico permanente. Representados pelos alunos, Nelson e Marcelo; pelo funcionário Ivan, colaborador de todas as horas; pelas professoras mais que amigas Nanci e Luitgarde. Ressalto meu carinho todo especial pela professora e orientadora Cléia Schiavo, amiga dentro e fora do mundo acadêmico.

Aos novos amigos do Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO: seu corpo docente e incansáveis funcionários; os colegas de mestrado através da Cristiane, companheira comum de pesquisa da história operária. Sem a sua permanente colaboração as minhas dificuldades seriam infinitas. Aos colegas do NETS, com quem dividi bons momentos de debates sobre o mundo do trabalho.

Agradeço, de forma especial, a professora Elina Pessanha por suas fraternas e pertinentes observações no desenvolvimento da dissertação.

Duas pessoas merecem destaque nesse momento: a professora Icléia Thiesen, que tem demonstrado ser muito mais que uma excelente profissional; uma educadora no sentido pleno do termo. Amiga, companheira e sincera em sala de aula e fora dela. Outra é o meu orientador, o professor Marco Aurélio Santana, que me ajudou a compreender quanta riqueza existe na memória operária, sendo imprescindível divulgar toda a sorte de situações pelas quais essa “classe” vem passando nas últimas décadas, as boas e más situações. Marco Aurélio, no seu companheirismo sem fim, aposta na transformação qualitativa de velhos lutadores do movimento operário. Conhecer e conviver com Icléia e Marco Aurélio nos coloca em um patamar superior de humanidade.

Por último, nem por isso menos importante, agradeço a atenção recebida pelos treze entrevistados: Jadiel, Solange, Washington, Lea, José Maria, Augusto, Milton, Maria, Wilson, Arivalda, Waldyr, Carlos e Alberto. As suas histórias fazem parte, agora, da minha história de vida. Eles representam, nesse momento, todos os que acreditaram que a Remington materializaria o sonho operário.

Máquina de escrever

Meu coração é uma máquina de escrever
As paixões passam
As canções ficam
Os poemas respiram nas prisões

Pra ler um verso ouvir
Escuta meu coração falar
Até se calar a pulsação

Meu coração é uma máquina de escrever
No papel da solidão
Meu coração é
Da era de Gutemberg
Meu coração se ergue
Meu coração é
Uma impressão
Meu coração já era
Quando ainda não era a palavra emoção

Mas há palavras em meu coração
Letras e sons
Brinquedos e diversões
Que passem as paixões
Que fiquem as canções
Nos poemas nos batimentos
Das teclas da máquina de escrever
Meu coração é uma máquina de escrever ilusões
Meu coração é uma máquina de escrever
É só você bater pra entrar na minha história

(Luís Capucho)

Perguntas de um operário que lê

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho? César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?

Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas histórias
Quantas perguntas

(Bertold Brecht)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução..... | 10 |
| I - A construção da alternativa operária..... | 28 |
| I.1 - O contexto histórico..... | 28 |
| I.2 - A percepção da autogestão pelos trabalhadores: uma análise “atualizada”..... | 31 |
| I.3 - Máquina de escrever tem futuro?..... | 38 |
| II - Memória de lutas pelo controle operário/sindical: falam trabalhadores e sindicalistas..... | 43 |
| III - Memória e espaço..... | 64 |
| III.1 - A memória do bairro..... | 64 |
| III.2 - A memória da fábrica..... | 74 |
| III.3 - O espaço vazio e a saudade..... | 81 |
| IV - Considerações Finais..... | 91 |
| V – Referências Bibliográficas..... | 94 |
| VI – Anexos | |
| 1 O Perfil dos Entrevistados | |
| 2 Quadro dos entrevistados | |
| 3 Roteiros de entrevistas | |
| 4 Organogramas gerenciais da Remington: anterior, durante e após a gestão operária. | |
| 5 Dados estatísticos do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IPP. | |
| 6 Relatório interno <i>Informações sobre a fábrica Remington Rand – Deodoro. Rio de Janeiro.</i> (fragmentos) | |
| 7 Imagens de arquivos pessoais | |

RESUMO

O final da década de 1980 foi marcado por profundas transformações econômicas e sociais, tanto a nível nacional como internacional, alterando antigas relações produtivas e sindicais. O ramo metalúrgico do Rio de Janeiro não ficou imune a essas transformações. Naquele momento, uma empresa específica, a Remington Rand, fábrica de máquinas de escrever, passou por dificuldades que culminaram na sua falência, possibilitando que um grupo de funcionários a gerissem sob o sistema de autogestão. Tendo como referencial de análise a memória social, buscamos com esse trabalho analisar a construção da memória dos trabalhadores envolvidos no processo autogestionário, além de moradores da região do entorno da fábrica. Por intermédio da História Oral, apoiada em documentação disponível, examinamos o que a memória individual e coletiva percebe como relevante sobre a história da Remington. Partimos da idéia de que as lembranças dos trabalhadores da empresa e moradores do bairro contribuíram e/ou contribuem para a constituição de um sentimento de identidade entre aqueles que tiveram algum envolvimento com a fábrica.

Palavra-chave: Memória, Autogestão, Identidade, Trabalhadores, Metalúrgicos

ABSTRACT

The end of 1980 decade was marked by profound transformations both in the economical and social aspects. Not only in Brazil but also abroad, changes altered productive and sindical relations. The metallurgic production in Rio de Janeiro also has passed through transformations caused by this process. At that moment, a specific enterprise, called Remington Rand, which produced typing machines, undergone a lot of hardships that eventually redounded on its bankrupt. This process has made possible to Remington's workers to administrate in an autogestionary basis. Having as a frame the social memory of the workers, and also the neighbors, the present work intends to study the memory of this so called self gestion process. It considers oral history and the related available documentation in order to exam what the personal and collective memories apprehended from this part of Remington's History. It is presumed that the memories of the ones who worked, or lived there are relevant to build up a feeling of identity among those who were somehow involved with the factory.

Key-word: Memory, Self Gestion, Identity, Workers, Metal Workers.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema a memória dos trabalhadores da fábrica de máquinas de escrever Remington durante o processo de autogestão operária efetivado entre os anos de 1990 e 1994. A Remington Rand¹, foi uma importante indústria de fabricação de máquinas de escrever instalada no bairro de Guadalupe, subúrbio do Rio de Janeiro. Sua expansão fabril ocorreu no final da década de 1950, sob o signo “desenvolvimentista” de Juscelino Kubitschek tendo suas novas instalações fabris inauguradas pelo próprio presidente em 1957².

Guadalupe é um bairro cortado pela Avenida Brasil, altura do Km 22, situado na Zona Norte e limítrofe com a Zona Oeste do município³. Foi um bairro projetado, durante o governo Getúlio Vargas no início da década de 1940, para concentrar moradias populares. Nasceu do projeto de conjuntos habitacionais conhecido como “Fundação da Casa Popular”. Um aspecto curioso sobre o bairro é a existência de ruas inteiras mantendo um mesmo padrão arquitetônico, incluindo as excêntricas “casas balão”, residências em formato de iglus⁴.

Sob o aspecto econômico, várias empresas foram instaladas no bairro ao longo das últimas décadas. Destacam-se as empresas Sulzer (fábrica de bombas hidráulicas), Sidney Ross (Melhoral), Eternit (caixas d’água de amianto) entre outras, configurando a existência de um pólo industrial.

A Remington tinha um corpo de funcionários permanentes, em torno de 2500 trabalhadores. Sua importância econômica para a região se dava, tanto pela alta taxa de empregabilidade, quanto pelo montante financeiro deixado no comércio da localidade

¹ Utilizo como referência, ao longo desse projeto, o nome da fábrica simplesmente como Remington, forma mais usual na fala dos entrevistados.

² Ver fotos do evento no anexo 6.

³ Alguns dados estatísticos sobre o bairro poderão ser consultados no anexo 5.

⁴ Ver foto ilustrativa no capítulo III.

através de compras diretas ou de pequenos convênios com descontos em folha de pagamento.

No aspecto político-sindical, os trabalhadores da Remington sofriam o mesmo processo restritivo imposto pela Ditadura Civil Militar implantada no país em 1964. A pouca organização existente era mantida pelas atividades de lazer como festas em datas comemorativas e futebol nos finais de semana, segundo relatos orais de antigos trabalhadores da empresa. A Comissão de Fábrica que assumiu o processo autogestionário foi estruturada dentro do momento de crise financeira da empresa, já no final dos anos de 1980. Essa organização nasceu de uma demanda específica e contou, na época, com a colaboração de ativistas do Sindicato dos Metalúrgicos.

A perspectiva de análise desse tema surgiu da constatação de que, naquele momento histórico, não são encontrados exemplos de autogestão de empresas metalúrgicas no município do Rio de Janeiro. A transposição qualitativa de empregados para “patrões”, apesar de estar na ordem do dia dos “sindicatos de novo tipo”⁵, não tinha sido executada na prática, até então.

A ausência de exemplos concretos de empresas geridas por funcionários reduz as possibilidades de produção literária mais ampla. As referências bibliográficas mais utilizadas são de caráter teórico ou distantes da realidade concreta dos trabalhadores fluminenses. A Remington viria, posteriormente, a se constituir objeto específico de estudo de caso, com a pesquisa de Lia Tiriba⁶ sobre empresas autogestionárias.

Assumir a autogestão empresarial trazia consigo o estabelecimento de uma ordem social em que pesasse a responsabilidade coletiva sobre o sucesso ou fracasso de um projeto tão ousado. A forma autogestionária de gerência tem reconhecimento na

⁵ Existe ampla bibliografia acerca das mudanças de rumos políticos nas práticas sindicais ao longo das décadas de 1970/1980, culminando com a criação da Central Única dos Trabalhadores – CUT. Ver referências bibliográficas.

⁶ Ver referências bibliográficas.

literatura específica, tendo como embrião teorias de transformação social principalmente ligadas aos anarquistas e socialistas que compunham o movimento operário internacional no final do século XIX. Segundo relatos de entrevistados a autogestão na Remington foi um processo muito específico⁷.

A solidariedade deveria alargar os limites do muro da fábrica, ultrapassar a esfera local do bairro e se assumir como tarefa militante do sindicato, central sindical e, principalmente, das esferas governamentais devido ao envolvimento em dívidas trabalhistas, com fornecedores, impostos diversos e captação de recursos em instituições financeiras diversas.

A Remington tinha amplas condições, segundo expectativas dos trabalhadores entrevistados, para alcançar seus objetivos na autogestão: a unidade relativa entre os trabalhadores; a localização em um bairro populoso com características de “bairro dormitório”⁸, na Avenida Brasil (garantindo escoamento da produção por acesso rodoviário); com várias empresas próximas, inclusive outras metalúrgicas; e o apoio direto e decisivo de parte da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos.

O que determinou, então, o fim do projeto autogestionário? Além das condições conjunturais outras conclusões são relatadas nas falas dos agentes envolvidos direta ou indiretamente no processo. Trabalhadores, moradores do bairro, dirigentes sindicais, entre outros, tem papel de destaque na reconstituição dessa memória específica. Tem significativa importância o registro de tantos relatos de memória, contribuindo para a ampliação de pesquisas voltadas para a Memória Social.

⁷ As especificidades da autogestão na Remington estarão melhor delineadas nas citações dos entrevistados ao longo do projeto. A título de ilustração estão anexados os organogramas gerenciais da Remington antes, durante e após a autogestão, extraídos do relatório de Lia Tiriba. Ver anexo 4.

⁸ Designação de bairros ou regiões periféricas ao “centro produtivo”, projetados para concentração de trabalhadores. A longa distância entre o local de moradia e o local de trabalho só permitiria, em tese, que o trabalhador viesse para casa somente para dormir e trocar a “marmita”. A expansão rodoviária ao longo das últimas décadas, reduzindo o tempo gasto no traslado casa-trabalho-casa, fez o termo cair em desuso.

Este projeto teve como objetivo geral analisar a construção da memória dos trabalhadores da Remington, em sua fase de autogestão. Vale ressaltar que esse momento específico, fim da década de 1980 e início da década de 1990, era de retomada das lutas sindicais e o Sindicato dos Metalúrgicos tinha à frente uma diretoria “cutista”, aumentando a perspectiva de sucesso nesse empreendimento. Coube à pesquisa explorar essa hipótese levando-se em conta o que a memória dos trabalhadores diretamente envolvidos, ora ressignificada, percebe dessa suposta relação.

Como objetivo específico, tentou-se verificar de que maneira o impacto que a falência da Remington, e a tentativa de reerguê-la sob o controle operário, se fizeram presentes na memória dos trabalhadores, dos moradores do bairro e outras pessoas envolvidas, ampliando o escopo de relações sociais naquele contexto. A memória, então, extrapola um único segmento social, espalhando-se pelo bairro e seu entorno, reafirmando a importância do espaço na formação de uma certa memória coletiva.

Nesse sentido, a pesquisa além de verificar a identidade criada pelo grupo, buscou analisar a coesão dos trabalhadores nos difíceis momentos da autogestão, como por exemplo, o enfrentamento com o antigo patrão que lutava pela retomada da fábrica.

Quando foi tomada a decisão, verificadas as possibilidades do desenvolvimento do projeto de memória dos trabalhadores da Remington no período autogestionário, algumas hipóteses foram levantadas e serviram de base para a estruturação da pesquisa no sentido de se verificar a sua validade. As principais são:

- 1) executar um projeto de autogestão, dadas as condições objetivas de sua execução, só seria possível caso houvesse um comprometimento real de todos os envolvidos no projeto, ou seja: trabalhadores, Comissão de Fábrica, Sindicato e comunidade local – bairro. Esse “comprometimento” forjaria, ao longo do tempo, um sentimento de “identidade” do grupo.

2) O trabalho coletivo, em sistema autogestionário, demandaria um comprometimento político mais geral, ampliando a “consciência” do trabalhador principalmente em um patamar de lutas mais imediato capitaneado pela ação sindical. O trabalhador não envolvido diretamente na gestão operária associaria o sucesso ou fracasso do projeto à efetiva participação da diretoria do Sindicato a frente das negociações para sua viabilidade. O comprometimento real do Sindicato e sua Central Sindical teria ficado aquém do esperado, tanto na visão dos trabalhadores envolvidos, como em setores significativos do movimento sindical, consideradas as diversas “tendências” que compõem o movimento sindical metalúrgico⁹.

3) A falência da Remington, vista de um tempo cronológico relativamente distante (cerca de 10 anos), ainda deixa marcada a memória local, pela importância estratégica que a empresa tinha para a região. O bairro de Guadalupe sofreria um forte impacto com a falência da Remington. Não só pela perda de fonte geradora de recursos financeiros pelo comércio local, como pela importância simbólica da fábrica no sentido de desenvolvimento local e sociabilidade com as atividades extra fabris voltadas para a integração entre trabalhadores e moradores, a exemplo das festas e torneios de futebol promovidos pela Remington.

As conquistas operárias, no cenário internacional e nacional, principalmente a partir de meados do século XIX, ampliando sua área de abrangência espacial e por categorias no Brasil já no início do século XX (Pessanha:2001), ganham relevância na memória social com indicadores claros sobre a “construção” de uma identidade classista tanto a nível de “classe operária” quanto de “classe por categoria” a exemplo de metalúrgicos, estivadores, bancários, etc. Essas “identidades” também têm caráter de

⁹ É importante ressaltar que essa hipótese não foi referendada pelos entrevistados, conforme se verá ao longo da Dissertação e, especificamente no capítulo II.

permanência no espaço vivido. A “identidade” pode ser vista pela ótica dos “metalúrgicos do Rio de Janeiro”, “estivadores de Santos” “ferroviários de Minas Gerais”. Dessa forma, a “soma” dos locais não é, necessariamente igual ao “total” nacional.

Os estudos da memória podem ser de grande valia para a análise da trajetória do movimento operário. Tema relativamente recente no debate acadêmico, a memória social ganha projeção na primeira metade do século XX. Myrian Sepúlveda dos Santos lembra que o papel de destaque da memória nos processos históricos saiu da esfera da Psicologia, ganhando significado sociológico com Maurice Halbwachs no estudo da memória coletiva.

“Um de seus grandes méritos foi ter escrito sobre memória coletiva numa época que a memória era compreendida primordialmente enquanto fenômeno individual e subjetivo.(...) Além disso, também foi ele quem enfatizou que tudo o que nós lembramos do passado faz parte das construções sociais que são realizadas no presente”. (Santos: 2003, p. 35).

O debate sócio-histórico sobre a memória atravessa várias disciplinas do pensamento humano e a história oral vem se somar à Psicologia e à Sociologia entre outras, na investigação da construção de uma identidade coletiva. A memória coletiva vem acompanhada de contextos históricos determinados, influenciados pelos “espaços” que os cercam influenciando fortemente na formação das “identidades”, pontos que serão mais explicitados ao longo desse trabalho. Michael Pollak também atribui a Maurice Halbwachs a compreensão da memória como um processo coletivo que ultrapassa o indivíduo, sem desconsiderá-lo.

“A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (Pollak: 1992, 201).

A construção de uma identidade, ou sentimento de identidade, poderia ser analisada a partir da memória individual dos trabalhadores, no caso específico da Remington, transformada em uma possibilidade de memória coletiva. As falas do indivíduo transformam-se na memória do grupo. A memória, como fenômeno construído, poderia aferir a existência desse “sentimento de identidade”. Michael Pollak recorre à Psicologia Social para analisar a construção dessa identidade em três elementos: “a unidade física”, “continuidade dentro do tempo” e “o sentimento de coerência”. Não havendo rupturas entre os fatores poderia se conceituar: “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.” (Pollak: 1992, 204).

Michael Pollak desenvolveu um trabalho bastante interessante sobre as “apropriações” da memória coletiva no sentido de se perpetuar uma visão determinada da história. O exemplo do período Stalinista na União Soviética sinaliza os perigosos caminhos que a construção de uma “história nacional” possa servir aos interesses de determinados grupos sociais. José Murilo de Carvalho¹⁰, analisando os primórdios da república brasileira, indica critérios um tanto semelhantes de se forjar uma nação com um passado dissociado dos interesses republicanos. Semelhanças que se aproximam pelo uso político da memória. (Carvalho: 1990).

¹⁰ José Murilo de Carvalho explora com mais profundidade a perspectiva de se forjar uma “identidade” a partir de novos critérios que beneficiassem, após acirrada disputa pela apropriação da “Memória Nacional”, as classes sociais emergentes na República. Ver principalmente *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*.

Michael Pollak, em sua análise do período Stalinista na antiga União Soviética, assinala o quão foi nociva a apropriação da história pela elite dirigente para perpetuar uma concepção que beneficiasse um tipo de visão política e “apagasse” os vestígios deixados por seus “opositores”. Lembra que não é simples garantir essa apropriação total, pois a memória passa por uma “disputa” permanente e a construção de uma “história ideal” vai sempre sofrer questionamentos pois a sociedade política é viva e atuante. O compromisso de parte dos pensadores sociais com essa política (por convicção ou necessidades várias), viria a dar um caráter de cientificidade histórica aos fundamentos do stalinismo. Historiadores do passado e do presente registram as “histórias” de acordo com conjunturas políticas específicas. Alguns trechos de Michael Pollak são bastante elucidativos.

“Essa predileção atual dos pesquisadores pelos conflitos e disputas em detrimento dos fatores de continuidade e de estabilidade deve ser relacionada com as verdadeiras batalhas da memória a que assistimos, e que assumiram uma amplitude particular nesses últimos quinze anos na Europa. Tomemos, a título de ilustração, o papel desempenhado pela reescrita da história em dois momentos fortes da destalinização, o primeiro deles após o XX Congresso do PC da União Soviética, quando Nikita Krushev denunciou pela primeira vez os crimes estalinistas. Essa reviravolta da visão da história, indissociavelmente ligada à da linha política, traduziu-se na destruição progressiva dos signos e símbolos que lembravam Stalin na União Soviética e nos países satélites, e, finalmente na retirada dos despojos de Stalin do mausoléu da Praça Vermelha”. (Pollak: 1989, p.3)

O “reescrever” a história de uma nação passa, necessariamente, por criar e garantir que fiquem registrados na memória novos símbolos que substituam as marcas do poder do passado. Esses símbolos devem ter permanência e serem dotados de certo

apelo à idolatria, tais como a Bandeira Nacional, o Hino Nacional ou os heróis da transformação alcançada. Tese amplamente aceita no debate acadêmico, nas variadas especialidades das Ciências Sociais.

Essa eterna tentativa de se apropriar da memória é o que vai garantir, por mais ou menos tempo, a hegemonia de poder de determinado grupo ou facção sobre os demais. Henry Rousso usa o termo "memória enquadrada" para se referir a esse tipo de apropriação. Seus exemplos, como o de Pollak ou Rossi, recuperam os momentos históricos do stalinismo ou os acontecimentos da 2ª Guerra Mundial entre os anos de 1939 a 1944.

Michael Pollak lembra que esse enquadramento não se dá de forma simples. É preciso que, em última instância, ele seja reconhecido pelo grupo. Para isso "esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação" (Pollak:1989, p.7). A história fornece os elementos para essa justificação, cabe aos agentes políticos a "escolha" adequada do elemento histórico perpetuador da imagem buscada.

"Toda organização política, por exemplo - sindicato, partido etc., veicula seu próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma. Ela não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização. O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo." (Pollak: 1989, p. 7).

Muitos são os exemplos deixados pela história dessa contínua tentativa de construção identitária. A perpetuação da memória vai além dos elementos psicológicos e ganham visibilidade nas construções de monumentos e outros artefatos físicos de registro da presença do homem no local de pertencimento.

“A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes bancos. Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, freqüentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade”. (Pollak: 1989, p. 9).

Henry Rousso tem uma contribuição significativa quando coloca o testemunho oral no mesmo grau de importância que o documento escrito, salientando a dificuldade de garantir-se a veracidade das fontes, o que novamente nos remete à questão das “escolhas”. Porém, deixar de lado o testemunho oral, principalmente se estamos analisando fatos transcorridos no nosso tempo “vivido”, seria desprezar materiais de riqueza inesgotável. Algumas passagens de seus escritos são particularmente simbólicas para aqueles que trabalham com a história oral.

“Um testemunho colhido ou um documento conservado só deixam de ser vestígios do passado para se tornarem ‘fontes históricas’ no momento em que um observador decide erigi-los como tais. Toda fonte é uma fonte ‘inventada’, assim como todo ‘indivíduo histórico’, no sentido em que falava Max Weber, é uma construção, um tipo ideal.” (Rousso: 1996, p.88).

Em outra passagem, o autor faz uma crítica acirrada aos que relegam ao segundo plano as possibilidades da História oral. Nesse trecho do texto, não deixa nenhuma dúvida sobre a validade das pesquisas com relatos de memória.

“Nesse sentido, muitas vezes esquecemos que muitos arquivos escritos não passam eles próprios de testemunhos contemporâneos ou posteriores aos fatos, dotados de um componente irredutível de subjetividade e de interpretação que sua condição de ‘arquivo’ absolutamente não reduz (...) A escrita, a impressão, portanto a possibilidade de um documento resistir ao tempo e acabar um dia sobre a mesa do historiador não conferem a esse tipo de vestígio particular uma verdade suplementar diante de todas as outras marcas do passado: existem mentiras gravadas no mármore e verdades perdidas para sempre,” (Rouso: 1996, p.89).

A memória está entrelaçada tanto com o tempo, cronológico ou percebido socialmente, quanto com o espaço. No caso específico estudado, os espaços físicos (o bairro, a fábrica, a seção, etc.) e políticos (o lugar de conquistas, de disputas de posições). Marco Aurélio Santana cita Castel com propriedade quando coloca o “espaço” em uma dimensão destacada, “o espaço não é reflexo da sociedade, é sua expressão (...) o espaço não é uma fotocópia da sociedade, é a sociedade.”(Santana: 2000, p.46). O espaço é parte constitutiva do indivíduo, a sua relação com a história e a sociedade permitem tornar a memória “palpável”, estabelecendo fronteiras necessárias no mundo físico. Daí a importância atribuída por Santana à disputa pelo espaço cidadão, pois “O cidadão precisa ver no espaço em que vive, mora, transita e trabalha, enfim, no qual existe, o espaço da efetivação de suas possibilidades e da sua existência” (Santana: 2000, p. 50).

Na perspectiva de analisar a memória dos trabalhadores da Remington durante a autogestão, foi priorizada a história oral. Observa-se o reconhecimento do relato oral como uma das primeiras fontes de transmissão de conhecimentos da humanidade. A esse respeito vale citar o pensamento de Maria Isaura de Queiroz.

“O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam quando o ‘homem das cavernas’ deixou, nas paredes desta, figuras que se supõe formarem um sentido, estava transmitindo um conhecimento que possuía e que talvez já tivesse recebido um nome, estando já designado a palavra. O fruto de suas experiências e descobertas ficava assim concretizado e passava aos demais, inclusive aos pósteros. Mais tarde a escrita, quando inventada, não foi mais do que uma nova cristalização do relato oral”. (Queiroz: 1998, p. 16).

Lembremos, inclusive, que todos os autores envolvidos com a história oral reconhecem que o relato oral, ao ser transcrito vira “documento escrito” ressaltando suas possibilidades de “leituras e interpretações”. A memória guardada tem nos relatos orais uma oportunidade ímpar de elucidar fatos que estão “ocultos”, por qualquer motivo que seja. Vimos, anteriormente, que análises superficiais sobre histórias vividas podem omitir relações ocultas aos mais desatentos. Paul Thompson indica um caminho para o uso coerente da história oral.

“A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação” (Thompson: 1992, p. 22).

A possibilidade de entrevistar trabalhadores que estiveram à frente do processo autogestionário é de enorme validade para a pesquisa, além da utilização de toda a documentação escrita e material fotográfico complementar em poder desses trabalhadores.

A pesquisa teórica e empírica envolvendo a metodologia da história oral traz consigo uma gama considerável de problemas a serem resolvidos. Se, atualmente, o relato oral tem amplo reconhecimento acadêmico (mesmo que com algumas resistências), não podemos desconsiderar que os relatos coletados ao longo das pesquisas também estão impregnados das “disputas” embutidas nas falas sobre o que falar e o que calar. Mesmo que a seletividade não seja plenamente proposital, ainda temos a distância temporal que faz a memória “falhar” sobre determinados momentos vividos ou percebidos pelos entrevistados através da memória coletiva. Quando as personagens citadas nos relatos ainda estão vivas, no caso de histórias chamadas de “tempo presente”, devemos considerar o aspecto ético com mais cuidado; haja vista que relatos que envolvam problemas pessoais ou de ordem moral podem ser um problema adicional para conclusão da pesquisa.

Michael Pollak lembra que esse processo desencadeou toda uma reordenação histórica que viria a ter seu ápice na ruptura do aparato soviético durante o período Gorbachev com a *Perestroika* e a *Glasnost*. Muito além da resistência/persistência da memória em períodos que o poeta Gonzaguinha afirmava serem perigosos - “história de um tempo onde lutar por seus direitos era um defeito que mata” - é preciso também saber “ler” as mensagens de silêncio. Formas talvez mais seguras de preservação do passado. Stalin, na União Soviética e os Generais-presidentes no Brasil pós-64 são prova disso.

“O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. Embora na maioria das vezes esteja ligada a

fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante”. (Pollak: 1989, p. 5).

Paolo Rossi encontra uma dimensão proposital nessa possibilidade de “esquecimento” que as memórias nacionais “impõem” àqueles que não se enquadram perfeitamente no tipo ideal de construtor da história nacional.

“O ‘apagar’ não tem a ver apenas com a reversibilidade, a provisoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais nas teorias mais articuladas e mais amplas. ‘Apagar’ tem a ver com ocultar, esconder, despistar, confundir os traços, afastar-se da verdade, destruir a verdade. Frequentemente quis-se impedir que as idéias circulem e se afirmem, quis-se (e se quer) limitar, fazer calar, confiar ao silêncio e ao esquecimento”. (Rossi: 1991, p. 14).

Além disso, o autor cita a diferença fundamental entre os “apagamentos” de memória do tempo atual e os praticados pela Igreja à época da Contra-Reforma mas, mesmo reconhecendo as disparidades históricas, ainda assim é triste reconhecer as semelhanças de alguns métodos praticados ainda hoje.

A História Oral é uma das ciências que tem a capacidade de manter o elo de ligação entre a memória subterrânea e as novas possibilidades históricas, sendo objeto privilegiado de análise que garante a fala de excluídos e marginalizados. As criações míticas das histórias oficiais não comportam o homem simples das tarefas cotidianas. A necessidade de se criar uma história que garanta uma memória nacional deixa de lado aqueles que são incapazes dos feitos heróicos das grandes figuras. O relato oral e a

história das mentalidades vêm suprir uma lacuna deixada pela versão oficial dos fatos.

Michael Pollak não deixa de perceber essa anomalia.

“Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.” (Pollak: 1989, p. 8).

A memória oral exige uma abordagem própria no tocante à execução da pesquisa. Mesmo que a pesquisa tenha sido encomendada por alguma instituição para preservar sua memória, o pesquisador acaba se envolvendo com o projeto, já que a própria contratação tem característica de proximidade ou afetividade com o tema, excetuando-se as pesquisas de caráter quantitativo. Assim, o envolvimento do pesquisador com o pesquisado foge aos rígidos padrões de cientificidade da historiografia. A relação entre ambos também é uma relação de troca, por menos que se tente interferir na pesquisa. Marco Aurélio Santana menciona essa relação com muita propriedade.

“A relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado é um dos pontos mais ricos na experiência com a história oral. Esta relação, em um contexto de geração de documentos, tem dado bastante colaboração ao relativizar posturas mais rígidas sobre a separação entre sujeito e objeto no campo da pesquisa”. (Santana: 2000, p. 35).

Ecléa Bosi, citando Roman Jakobson, ressalta esse mesmo compromisso entre entrevistado e entrevistador:

“Roman Jakobson refletirá que a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”. (Bosi: 1994, p.38).

Esse compromisso nos coloca em uma posição ambígua e fascinante no desenvolvimento da pesquisa. A proximidade afetiva pode “turvar” a visão do pesquisador mais desatento, assumindo posições favoráveis a determinado grupo ou indivíduo entrevistado; mas sem correr riscos, a pesquisa pode ficar “morna”. Permitamos, portanto, que o trabalho de campo nos surpreenda a cada momento. A Memória Social não é uma ciência exata onde os resultados finais necessitem ser expressos com total rigor metodológico.

As dificuldades encontradas no desenvolvimento inicial da pesquisa não foram poucas. A primeira talvez tenha sido o equívoco egocentrista que envolve o pesquisador; basta lembrar os relatos de Roberto Da Matta¹¹ sobre os riscos de se tentar assumir a fala do “outro”. Quando nos decidimos pela pesquisa sobre a Remington, considerava o meu envolvimento “militante” com o trabalho político/sindical àquela época. Portanto, esperava ouvir relatos que corroborassem a minha indignação com o fim de um projeto tão ousado, senão “revolucionário”. Buscava encontrar culpados entre os “pelegos” do Sindicato¹², obviamente aqueles que a minha linha de atuação política fazia oposição interna na diretoria do Sindicato e na Central Sindical – CUT.

¹¹ Ver referências bibliográficas.

¹² A questão da “culpabilidade” de agentes envolvidos está melhor expressa no capítulo II.

Para verificar a validade de nossas suspeitas, pautamos a pesquisa com base em relatos orais de trabalhadores envolvidos diretamente no processo de autogestão; a Comissão de Fábrica, gestora política da autogestão; diretores do Sindicato dos Metalúrgicos que acompanhavam o processo; o trabalhador distante das disputas políticas que ocorriam no dia-a-dia; o morador do bairro de Guadalupe (para verificar o impacto da falência da empresa na região); diretores ou gerentes da empresa anteriores ao processo de autogestão (na perspectiva de ouvir a fala “patronal”).

Foram realizadas ao todo, treze entrevistas na tentativa de obter uma abordagem ampliada sobre o processo autogestionário. O tempo exíguo do projeto acadêmico, aliado às dificuldades inerentes aos temas envolvendo relatos orais, indicam o relativo êxito nas “escolhas” dos entrevistados selecionados como mostra o perfil dos entrevistados¹³.

Nas primeiras entrevistas realizadas já foi possível constatar que as falas dos entrevistados vinham acompanhadas de silêncios marcantes e pausas que indicavam um preparo maior para só falar o que era mais “apropriado”. Há que se considerar o fato de que já se passaram mais de dez anos desde o fechamento definitivo da Remington. As entrevistas foram realizadas nos dias, horas e locais escolhidos pelos entrevistados. Um componente a ser considerado é que quase todos personagens citados nas entrevistas estão vivos ainda hoje, suscitando cuidados adicionais dos entrevistados nas críticas mais contundentes aos “responsáveis” mais comprometidos com a autogestão.

Uma passagem interessante dessa fase de pesquisas foi a recusa de alguns trabalhadores em serem entrevistados. Uma antiga operária falou explicitamente em não querer “relembrar as mágoas do passado”, não esclarecendo que mágoas seriam. Tentaremos, em momento posterior, quebrar as suas resistências, já que ela teve

¹³ Ver anexo 1.

passagem marcante na história da Remington. Os relatos adiante servem de ilustração sobre as possibilidades do trabalho de campo.

O roteiro de entrevistas seguiu um padrão básico de questões. De um modo geral estamos supondo um certo conhecimento prévio por parte dos entrevistados sobre a história da Remington. Temos consciência de que a percepção sobre os andamentos específicos a cada momento envolvendo a empresa são diferenciadas de acordo com o envolvimento direto dos entrevistados e a sua percepção sobre esse desenvolvimento histórico. O próprio perfil dos entrevistados demonstra essa “diferenciação” entre eles.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos onde estão elencadas as questões em que foram solicitadas maiores explicações aos entrevistados. Tentamos dotar o texto com linguagem de fácil acesso, em que os principais atores possam se reconhecer dentro dele, sem perder a objetividade que uma pesquisa acadêmica deve possuir. Além da Introdução, Considerações Finais (cap. IV), Referências Bibliográficas (cap. V) e Anexos; o capítulo I, “A construção da alternativa operária”, busca desenvolver um debate teórico a respeito das possibilidades da autogestão operária naquela determinada conjuntura e as dificuldades de mudança de paradigma tecnológico; o capítulo II, “Memória de lutas pelo controle operário/sindical: falam trabalhadores e sindicalistas”, busca compreender as diversas fases de disputas políticas que envolveram os trabalhadores metalúrgicos no período estudado; o capítulo III, “Memória e espaço”, busca analisar as interferências que os “espaços”, físicos ou não, produzem nas memórias individuais e coletivas. Esperamos ter alcançado os objetivos propostos pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO.

I - A CONSTRUÇÃO DA ALTERNATIVA OPERÁRIA.

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

(Bertold Brecht)

I.1 - O contexto histórico

Vários textos, acadêmicos ou não, relatam as profundas transformações ocorridas no “mundo do trabalho” no transcorrer das décadas de 1980 e 1990, geralmente associadas à mudança de paradigma da produção de tipo Fordista/Taylorista para a produção de tipo Toyotista. Essas mudanças atingiram com maior grau de intensidade os países de economias periféricas às potências do mundo capitalista. A reestruturação produtiva ultrapassa o chão da fábrica e modifica também as relações sindicais, exigindo uma abordagem mais detalhada sobre as novas configurações do trabalho.

Uma das premissas básicas do modelo Fordista seria a de superar a produção de tipo artesanal com a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, reservando o primeiro exclusivamente aos diretores e gerentes, enquanto o segundo caberia aos trabalhadores no chão da fábrica. Os trabalhadores foram concitados a não pensar, uma vez que disso se encarregavam seus superiores hierárquicos, concentrando-se nas tarefas manuais. O trabalho deveria seguir uma rígida norma de movimentos, visando à máxima economia de tempo com a introdução de metodologia própria, no que se

convencionou chamar de “Métodos e Processos”. Mais do que uma disciplina do trabalho, Taylor e Ford propunham uma ética, um padrão de conduta aos trabalhadores (Harvey, 1994).

No final da década de 1970, esse sistema já começava a dar sinais de exaustão evidenciando com muita clareza seus pontos fracos, traduzidos no acúmulo de deficiências gerenciais que “emperravam” o processo produtivo e conseqüente redução dos lucros empresariais. Em primeiro lugar, chamava a atenção a desmotivação dos operários, manifestada em altos índices de abandono do trabalho e rotatividade no emprego, no absenteísmo elevado, no alcoolismo, no fraco empenho nas tarefas (Harvey, 1994).

No Brasil, vários estudos foram ou estão sendo feitos, para tentar explicar os efeitos dessa “nova ordem mundial”. Nas referências bibliográficas citamos vários desses estudos. Mesmo correndo o risco de omitir trabalhos de importância significativa, vamos citar alguns autores que têm contribuído com o tema: Iram Jácome Rodrigues (USP), José Ricardo Ramalho (UFRJ), Marcelo Badaró Mattos (UFF), Marco Aurélio Santana (UNIRIO), Ricardo Antunes (UNICAMP). Reafirmamos que esses não são os únicos pesquisadores sobre o tema do mundo do trabalho. Se eles são citados é para reafirmar a importância que o tema vem ganhando nas pesquisas acadêmicas.

Nesse “turbilhão” de transformações foi onde a fábrica de máquinas de escrever Remington viu sua história ser modificada pelas mãos dos trabalhadores. Das primeiras lutas contra o atraso dos salários em 1989, até a interrupção total nas atividades produtivas da empresa em 1995, o operário da fábrica teve a possibilidade de tentar construir uma história própria, onde ele deixava de ser mais um cartão de ponto no escaninho para gerir seu próprio destino. Se não podemos dissociar a crise da

Remington de toda uma análise conjuntural adversa a empresas com suas características, também não podemos negar a singularidade da ousadia de um projeto autogestionário. Os trabalhadores tem esse mérito; o de sonhar com o futuro.

I.2 - A percepção da autogestão pelos trabalhadores: uma análise “atualizada”

Para compreendermos o que levou um grupo de trabalhadores, com o apoio de dirigentes sindicais, a apostar na “aventura” de um processo autogestionário, torna-se necessário que analisemos (mesmo que de forma superficial) as condições subjetivas que envolviam a Remington naquele momento. A crise estrutural pela qual a fábrica passava no final da década de 1980 poderia ser revertida, segundo expectativas dos trabalhadores, devido principalmente a sua enorme capacidade de adaptações na fabricação de novos produtos ou redimensionamento do parque fabril.

Relembrando as condições gerais da Remington observamos uma fábrica de características Fordistas, com um parque industrial diversificado e perfeitamente adaptável à fabricação de produtos em escala seriada em suas “linhas de montagem”. As seções que produziam todos os itens para a composição geral da máquina de escrever possuíam, em tese, capacidade para produzir “qualquer coisa” na esfera metalúrgica. Os setores de Ferramentaria, Tratamento Térmico, Montagem, Fabricação, Estamparia, entre outros, foram permanentemente citados pelos entrevistados como prova da capacidade de continuidade do processo fabril da Remington.

Os sentimentos sobre as possibilidades de viabilidade do processo de autogestão e os motivos que impediram o gerenciamento da empresa por parte dos funcionários são os mais variados. A pesquisa se desenvolve dentro da premissa da responsabilidade coletiva que uma autogestão operária busca reafirmar. A própria organização gerencial autogestionária, remetendo as deliberações finais para uma “Assembléia dos Trabalhadores” reafirma esse caráter coletivo de responsabilidades¹⁴.

¹⁴ Ver quadro no anexo 4 contendo organograma gerencial da autogestão.

Entre os assuntos recorrentes busca-se nos relatos de memória o que cada entrevistado percebe dessa relação de responsabilidade mútua. A parte tocante ao trabalhador, ao Sindicato, aos gestores da autogestão, entre outros.

Indagado sobre os motivos que levaram os trabalhadores da Remington a assumir a postura “radical” de tomar para si a responsabilidade gerencial da empresa, Washington da Costa¹⁵ fornece o seguinte depoimento:

“Eu acho que nós não tínhamos outra alternativa. Ou você assumia ou todo mundo ia embora, permitia que a empresa, que certamente seria uma destruição total da empresa, qualquer, na mão de qualquer pessoa, né? Mesmo o síndico da falência não teria como não destruir a empresa não desgastar a empresa. Fazer negociata e no final o trabalhador, a gente tem vários exemplos aí, o trabalhador não leva nada, não recebe, dificilmente recebe. A Remington é uma das poucas empresas em que o trabalhador vai receber, mesmo depois de 10 anos. Pouquíssimas recebem, né? Então não tinha alternativa, foi uma situação que realmente, não foi uma situação que nós criamos, né? Os fatos foram atropelando e nós não tínhamos alternativa. É claro que tinha problema sério. Esse problema jurídico da empresa era muito complicado. Você tinha uma empresa...teoricamente ela poderia ser recuperada, você tinha um parque industrial importante. Era uma questão de prazo pra você adaptar aquela produção às novas tecnologias. E você não permitir que as bombas jurídicas explodissem em cima da empresa”. (Washington da Costa)

Jadiel Menezes¹⁶ relembra os momentos de crise produtiva no final da década de 1980 onde os salários começaram a atrasar e o trabalhador identificou a necessidade de uma postura mais “ousada”.

¹⁵ Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro na gestão 1987 a 1989, membro da Executiva do Sindicato nas duas gestões posteriores. Ver perfil dos entrevistados. Entrevista concedida ao autor em 09/05/05.

“Começou a produção cair, a venda de máquinas cair, juntou tudo isso, isso foi de oitenta e, mais ou menos de 86 pra cá começou a crise agravar. Mas até então o salário em dia, tudo normal, havia demissões e havia admissões conforme o mercado oscilava. mas em 88 não, aí em 88 começou pela primeira vez, a Remington pagava o salário até antecipado as vezes, dia 31 caía na segunda, ela pagava na sexta-feira no dia 28 por exemplo. Aí em 88 começou a atrasar o pagamento, foi um choque pra todo mundo por que? Porque nunca atrasou, nunca deixou de ter benefício, essas coisa, aí a crise se instalou realmente. Aí começou a atrasar, pagava a uns não pagava a outros aí foi até que em 89 a crise se instalou, aí a outra parte grave da situação que foi a passagem, a concordata que a empresa pediu em 89. Que era uma concordata mole de se pagar, quer dizer a dívida era mínima, tanto é que nós pagamos pro trabalhador, nós pagamos a concordata, 2 parcelas, da concordata só que, isso em 89. Em 90, ainda na concordata eles cometeram o absurdo que foi passar a empresa pro Laranjeira. E foi aí que começou o processo que os trabalhadores assumiram isso tudo”. (Jadiel Menezes)

Com a crise tendo atingido um nível de problemas impossíveis de serem sanados pelo novo “dono” da Remington, a alternativa encontrada foi a passagem das Ações da empresa para o controle dos trabalhadores.

“Então, no final, eles tiveram uma saída; a gente fez uma proposta pra eles: que eles passassem o contrato social da empresa pra associação de funcionários. Aí, depois de muita pressão, muita briga, eles passaram, realmente passaram o contrato social porque era um lance de cadeia, a preocupação nossa era que tinha uma maioria dos trabalhadores da Remington, eram trabalhadores antigos, tinha um crédito trabalhista muito grande e a preocupação nossa era que se explodisse do jeito que eles tinham feito não ia sobrar nada pra ninguém, né. Então, entre você permitir que houvesse golpe, ou mesmo que falisse a empresa e tentasse segurar um período pra fazer com que a

¹⁶ Gerente de fabricação da Remington e presidente da empresa no período autogestionário. Entrevista concedida ao autor em 18/08/05.

empresa se erguesse ou, pelo menos manter o patrimônio da empresa pra que se ela quebrasse, o patrimônio desse recursos pra, pelo menos, pagar a indenização do pessoal ; então nós tínhamos essas opções não é?” (Washington da Costa)

O caminho proposto de assumir um processo autogestionário, nesse caso específico, estava também ligado a falta de outras alternativas no campo gerencial. O trabalhador da Remington soube aproveitar essa oportunidade.

Carlos Manoel¹⁷, ao ser indagado sobre as possibilidades de se ter uma empresa metalúrgica mantida pelo processo autogestionário, responde de forma bastante direta: “autogestão está ligado a revolução”. Evidenciando todas as dificuldades que os trabalhadores da Remington, e seus parceiros, encontrariam pelo caminho. Ainda assim, destaca todo o comprometimento possível do Sindicato com o cotidiano de lutas dos trabalhadores.

Waldyr Delgado¹⁸ se incorporou ao projeto autogestionário um pouco depois dos outros trabalhadores. Nem por isso, com menos intensidade. Apostou no sonho de acreditar na capacidade dos trabalhadores em gerir o seu destino. Todas as suas falas são repletas de entusiasmo.

“Eu participava de reuniões ali na Fazenda Botafogo, continuei participando dessas reuniões e comecei a tomar contato com isso né? Conheci Jadiel na época e dessa discussão eu fui observando né? Que aquelas pessoas que tavam naquele movimento, tinham tudo a ver com o que eu também pensava, buscavam a mesma idéia de autonomia e ali era um caso concreto. A coisa já estava, o embate estava por ser ganho por esse grupo não é? Foi aí que eu recebi o convite não é? Pra me

¹⁷ Carlos Manoel foi diretor do Sindicato dos Metalúrgicos na primeira gestão cutista, tendo sido eleito para o cargo de Presidente do sindicato nas duas gestões posteriores. Entrevista concedida ao autor em 06/11/06.

¹⁸ Waldyr Delgado foi “convidado” a participar da gestão operária. Já tinha, anteriormente trabalhado na Remington. Entrevista concedida ao autor em 20/08/06.

juntar a esse grupo, pra voltar pra fábrica né? Então eu pedi demissão. Foi a primeira vez que eu pedi demissão né? Não fui mandado embora. Eu pedi demissão de onde estava e fui pra lá (...) foi difícil. Tive que abrir mão de tudo”. (Waldyr Delgado)

No depoimento de Wilson Faleiro¹⁹ fica claro que gerir a Remington de forma autogestionária seria bastante complicado. Seu depoimento é importante e esclarecedor, pois estamos em contato com as opiniões de um funcionário que alcançou o patamar de Gerente da Fábrica na área de Contabilidade. O objetivo de expor seu pensamento baseia-se no fato de ampliarmos os conceitos sobre gerência empresarial. É significativa a diferença de concepção sobre a autogestão quando analisamos a fala, “clássica” do Contador da empresa. Faleiro atua, até hoje, como representante dos ex-funcionários da Remington nas questões de passivo trabalhista.

“Na nossa época, nosso objetivo dos empregados é tentar gerir a empresa, e é muito difícil, você não sabe como é difícil você gerir uma empresa como empregados. Cada um tem uma mentalidade diferente, muito diferente. E isso, que você falou agora, nós podíamos ter tentado. Chegamos a tentar mas na hora que nós chegávamos pra conversar com alguém, tinha essa dificuldade que a empresa era dirigida por empregados. E até o controle acionário, para uma parceria dessas seria difícil” (Wilson Faleiro).

Wilson Faleiro faz uma analogia “societária” para exemplificar seu raciocínio sobre as dificuldades em se atender às expectativas de quase dois mil “sócios”.

“Então, a dificuldade maior, vocês podem saber, uma empresa gerida por empregados entendeu? Na qual, entenda bem, não existe uma diretoria com poderes sobre eles, é muito difícil levar. Eu digo isso

¹⁹ Wilson Faleiro trabalhou na Remington de 1964 até o fim produtivo da fábrica. Alcançou o cargo de Contador da empresa. Foi presidente da Associação dos Funcionários. Atualmente é presidente da Associação dos Ex-funcionários da Remington, cuidado dos aspectos do recebimento do passivo trabalhista. Entrevista concedida ao autor em 12/08/06.

porque, eu nos meus 21 anos, nos meus 32 anos, 21 promoções (...). eles (os trabalhadores²⁰) são taxativos. Eles são, não são treinados, mas eles são talhados pra uma pessoa que, no final do mês receber seus benefícios e ir pra casa. Eles não tem uma mentalidade de empresário. Poucos tem essa mentalidade entendeu? E não critico eles não, porque isso aí é uma coisa normal. Tanto é que até hoje eu não critico eles. Na ocasião que eu tive um debate muito grande com eles, que eu falava pra eles que era inviável uma empresa ter mil novecentos e oitenta sócios. Se cinco sócios tem uma mentalidade, tu imagina mil novecentos e oitenta sócios. Então era muito difícil. Eu não censuro nenhum deles até hoje. A única crítica que eu faço realmente, faço é porque realmente não houve uma integração muito grande com o Sindicato e o pessoal da época que geriu a empresa” . (Wilson Faleiro).

As dificuldades foram imensas ao longo dos quase quatro anos do sonho autogestionário. Gerir uma empresa de grande porte, com cerca de dois mil trabalhadores, não é tarefa das mais fáceis. Pagamentos em atraso, falta de financiamentos bancários, dívidas com fornecedores, entre outros contratemplos, não faziam parte do cotidiano de funcionários assalariados. A autogestão traz consigo uma nova forma de enxergar a empresa da qual o trabalhador deixa de ser parte integrante e passa a ser executor de políticas. Algumas falas lembram os “momentos difíceis”. Lea Maria²¹ relata algumas passagens dessa época.

“Fechamos a Avenida, fizemos faixas, né? Pedágio pra comprar alimento né? E conseguimos bastante coisa mesmo. (...) teve cesta básica do pessoal, deu uns dois três meses mais ou menos, deu pra fazer a cesta básica do pessoal. Quem tinha filho pequeno, a gente conseguimos lata de leite, conseguimos bastante coisa, apesar de passar muitas humilhação, mas conseguimos né? (Lea Maria)

²⁰ Nota do autor.

²¹ Lea Maria era operária do setor de fabricação e foi membro da Comissão de Fábrica que geriu a empresa. Entrevista concedida ao autor em 20/05/05.

Maria das Graças²², membro da Associação dos Funcionários, lembra desses difíceis momentos de passagem para a autonomia operária da Remington.

“O pessoal tão chorando, mãe de família que é mãe e pai, entendeu? Não tem ninguém. Os filhos pequenos. Tem homem aí chorando (...). Aí, entendeu? Aquela confusão toda. Gente chorando. Aí eu falei com eles. Aí fizemos pedágio. Um pedágio ali na Marcos de Macedo, pedágio. Aí, depois também a gente fizemos a campanha de kilo. Na porta das fábricas. Fizemos campanha de kilo. Teve até o Chico falou: ‘Maria a gente se esconde atrás da Kombi’(risos) ‘que você ainda não ta com cara que ta passando fome’ (mais risos). O Chico que trabalhou na Muller”. (Maria das Graças)

As análises realizadas mais de dez anos depois do projeto de autonomia operária, reforçam a coerência da tentativa autogestionária. As novas percepções que se tem nas falas “atualizadas” sugerem a idéia de que sempre se poderia fazer algo diferente. Nos parece normal esse “saudosismo”, haja vista que, mesmo após o longo tempo passado, as cicatrizes deixadas pela luta quase que diária pelo controle operário não se apagam com facilidade.

²² Maria das Graças era operária do setor de fabricação. Atuou na Associação do Funcionários. Atualmente atua na Associação dos Ex-funcionários da Remington. Entrevista concedida ao autor em 11/06/06.

I.3 - Máquina de escrever tem futuro?

Quando, ao longo da pesquisa, as pessoas que não estiveram diretamente ligadas ao projeto de recuperação da empresa, iam tomando conhecimento do processo de falência pelo qual a Remington havia passado, era muito comum ouvir delas o argumento de que “na era do computador” seria impossível defender a manutenção de uma fábrica de máquinas de escrever. Intrigado com esse fato, repassei essa preocupação aos entrevistados. Eles já tinham argumentos de defesa da continuidade da Remington. Consciente ou inconscientemente, sabiam que seriam cobrados por isso.

“É porque depois que ela nacionalizou, em 79, ela deixou de ser do grupo Sperry e passou pra mão de, que eram diretores que assumiram a empresa. Aí de 79 pra cá, então coincidiu também com uma época de jogar de lado a máquina de escrever. Foi diminuindo os países que compravam máquina porque entrou a informática, então foram substituindo pelos computadores antigos, mas foram substituindo, só que eles, na realidade a Remington não era uma fábrica. Essa visão acho que foi o principal erro de tudo. Era uma unidade, era uma área industrial com várias unidades dentro dela.”
(Jadiel Meneses)

Jadiel Meneses faz uma análise das responsabilidades da gerência anterior por não dar esse “salto tecnológico” necessário para a continuidade da Remington.

“A decadência é justamente isso que eu tou te falando. A decadência eu acho que foi o seguinte: não vislumbrar de forma empresarial dessa questão da mudança de tecnologia. E quando eles investiram numa tecnologia eles investiram erradamente, quer dizer eles investiram num editor de texto. Então, na realidade a Remington tinha também uma situação, como outras empresas muito complicada. Foi a época que as empresas no Brasil foram compradas pelos grupos internacionais. Ou ela se voltava pra uma coisa mais, dentro do parque

diversificado que ele tinha aí e aí tinha que ver se continuava com aquele efetivo todo e tal ou ela tinha que se render a um desses grupos grandes, foi o que aconteceu com outras empresas. Que já tinha tecnologia de informática colocada no mercado mundial”. (Jadiel Meneses)

Washington da Costa segue uma linha de raciocínio bem parecida com a do Jadiel. Talvez, até por enfrentarem, juntos, os problemas oriundos da falta de investimentos pela gerência anterior.

“Na realidade tinha um problema crônico na empresa que era um problema tecnológico; a máquina de escrever ela tava em fase, vamos dizer assim, já não era um produto lucrativo e começava já a aparecer computador, começava a aparecer as alternativas, a máquina eletrônica já começava a ficar obsoleta, né. Então tinha um problema administrativo, apesar disso a empresa tinha mercado. Na realidade, no Brasil, eram a Remington e a Olivetti que fabricavam, elas exportavam pra vários países do mundo, exportavam pra África, Argentina, exportava pro mundo todo, mas já começava a sentir a paralisia tecnológica dela já nesse período, né. Tinha esse problema mas tinha outras alternativas de produção né? Poderia produzir monitores de computador, o que tava surgindo de nova tecnologia ela poderia tranquilamente entrar nesse mercado e começar a se adaptar a isso. (Washington da Costa)

Carlos Manoel alerta para o fato de que a Remington não passava por esse processo de falta de investimentos em tecnologia de forma isolada. Cita várias empresas metalúrgicas que, a exemplo da Remington, foram obrigadas a se adaptarem às duras condições econômicas conjunturais.

“O Rio de Janeiro tava perdendo muito emprego. A maioria delas com inovação tecnológica. Era o caso da Standard Eletrônica, que tinha Comissão de Fábrica na época do pelego e coisa e tal e que tinha três

mil trabalhadores, uma área imensa em Vicente de Carvalho. Era um drama do cacete. Tínhamos a Centrex, em Jacarepaguá, que era fábrica de placas de torno, que também tinha uns 300 trabalhadores, que tava ocorrendo isso. Mas isso, do ponto de vista das empresas querer vender as empresas e sair do estado ou fechar de fato.

A Koyo Rolamentos que tava saindo do país. Os japoneses tavam discutindo, quase em paralelo a isso. A FARMCO do Brasil tinha uma, se fosse somar, tinha umas quinze ou dezesseis empresas (...) Aí, o que aconteceu foi que essas informações estavam truncadas etc., mas havia uma comemoração em função disso²³”. (Carlos Manoel)

Wilson Faleiro ressalta que essa preocupação com o desenvolvimento tecnológico já era percebida pela gerência anterior. Faltou, segundo Faleiro, uma visão melhor das possibilidades que o “Mercado” apresentava.

“Nessa crise que nós começamos em 1982, nós tentamos, entendeu? Junto com os nossos gerentes de produção, fazer vários produtos, em parcerias inclusive. Nós tivemos uma chance de ser, de conversarmos com a FAET, fazer ventiladores. Fizemos até isso. A FIAT, como a FIAT veio pro Brasil, nós fabricarmos, chegamos a fabricar aquela parte da frente da FIAT, eu não me lembro o nome entendeu? É o visor daquela parte da frente da FIAT. Tivemos também de fabricar máquina de lavar. Máquina de lavar. Só que aconteceu o seguinte: tudo isso requer um investimento. Nós chegamos a fazer um protótipo e tentamos essas parceria com essas empresas. Só que nós não tivemos sucesso, entendeu? Porque nós íamos rolar essa parceria e se arrumasse essa parceria hoje nós teríamos no Mercado, como já vejo aí, entendeu? Ferro elétrico Remington, entendendo? Máquina de lavar Remington. que a Remington era uma marca muito forte, não só no Brasil como no exterior. Mas, infelizmente, a falta de recursos e talvez o, aí que eu posso dizer, uma habilidade maior dos diretores entendeu? E botar no Mercado, abrir a empresa pra outro, uma parceria maior”. (Wilson Faleiro).

23

A autogestão operária na Remington.

Alberto Barabana²⁴ argumenta, com sua experiência atual de engenheiro, que seria muito difícil para a Remington fugir da “lógica do mercado”. O caminho natural seria a diminuição de custos até chegar na redução de postos de trabalho. Inclusive dentro de uma administração operária.

“Abertura de mercado (...) hoje não acontece mais isso. Você tem o preço do produto importado (risos), aí você tem que pegar o preço do produto importado, descontar a matéria-prima, ver o que que você vai gastar de mão-de-obra e qual vai ser o teu lucro. Então não tem jeito! A matéria-prima você não consegue manipular muito né? Então, como melhorar? Comprando máquinas mais modernas, CNC, computadorizadas. Mas vai espremendo até chegar no cara realmente que produz né?” (Alberto Barabana)

A resistência ou incapacidade empresarial, em se adaptar a essa “lógica do mercado” teria levado empresas a um processo falimentar irreversível.

“Foram quebrando. Pra você ter uma idéia, antes você entrava numa engenharia mecânica. No setor de projetos, você via vinte projetistas com prancheta. Hoje não existe mais isso né? Você pega meia dúzia de caras com computador né?” (Alberto Barabana)

As referências dos trabalhadores entrevistados já denotam os problemas que envolveriam a Remington por não ter conseguido ultrapassar a “barreira tecnológica” indispensável a continuidade do processo fabril. Isentos da responsabilidade inicial da falta de “visão de futuro” da antiga gerência, a direção autogestionária também não conseguiu efetivar as mudanças que permitissem a manutenção operacional e laboral da

²⁴ Alberto Barabana é morador de Guadalupe. Trabalhou na Remington entre 1972 e 1974 em cargo técnico de analista de Métodos e Processos. Entrevista concedida ao autor em 20/11/06.

Remington. As falhas cometidas no passado recente iriam influenciar de forma significativa os destinos da fábrica.

Os relatos acima citados não esgotam as dificuldades encontradas no período da gerência operária. Verificaremos no próximo capítulo, como se processam as “disputas pelo controle da memória”.

II - MEMÓRIA DE LUTAS PELO CONTROLE OPERÁRIO/SINDICAL: FALAM TRABALHADORES E SINDICALISTAS

Neste capítulo tentaremos mostrar como se travavam as disputas pelos espaços de poder nas diversas esferas de atuação: dentro da fábrica pelas disputas entre trabalhadores dos vários setores existentes; da Comissão de Fábrica com os funcionários que a partir de então ela gerenciava; nas disputas entre a própria Comissão de Fábrica; da Comissão de Fábrica com a Associação de Funcionários; dos trabalhadores da Remington com o Sindicato dos Metalúrgicos; dos diretores do Sindicato e respectivas “facções” políticas entre si. Lembramos mais uma vez, que nos reportamos às falas dos entrevistados, de modo que essas “disputas” somente apareceram quando “incomodaram” o entrevistado.

Os sentimentos são os mais variados. Se o trabalhador esperava que o Sindicato pudesse ter feito mais pela continuidade da fábrica, vê na figura de um diretor, Washington da Costa, um símbolo maior de comprometimento com o trabalhador, quase um herói. Sintetizado na fala da Lea, membro atuante da Comissão de Fábrica:

“Na época do presidente que era o Washington, um ótimo presidente, tá? Que sempre compartilhou com os empregados, que eu nunca vi um presidente tá? Do sindicato tá? Como é que se diz? É(...) ficar junto com os empregados ali na luta. Sempre a maioria dos presidentes do Sindicato fica lá na coisa e manda os (Lea ri) outros pra vim né?” (Lea Maria)

Jadiel Meneses, presidente da autogestão e um dos trabalhadores mais envolvidos no processo, tem uma opinião semelhante a da Lea, quando a questão envolve a participação do Sindicato na Remington.

“Tinha um grupo do Sindicato que atuava diretamente na porta da fábrica que correspondia a diretoria lá eleita e tinha o pessoal que fazia um trabalho, também junto com o sindicato mas tinha um trabalho dentro da fábrica, de formar uma comissão mais preparada, aquela historia toda, do qual eu fazia parte, mas o Sindicato era a pessoa representativa ali pra maioria, né? Só que quando a gente assumiu, logo que a gente assumiu houve um “racha” no Sindicato, tinha um grupo que achava que o Sindicato é que tinha que se instalar dentro da fábrica e tinha um grupo que achava é...aliás o Sindicato se instala, vamos dizer assim a coordenar as decisões e o pessoal dos trabalhadores que queriam isso mas não queriam assim dessa forma, queriam participar do processo né? Isso aí, houve esse confronto, então teve dois grupos e isso foi exposto aos trabalhadores, quer dizer, isso criou um problema sério no primeiro momento o trabalhador naquele momento que precisava de ver uma união viu que tinha uma divergência grave, exposta pra eles ali em vez de ser discutida antes, na base do Sindicato”. (Jadiel Meneses)

O fim do projeto de autogestão leva à busca de uma análise mais aprofundada das possíveis causas desse desfecho. Mesmo não se apontando culpados, é comum encontrar mágoas acumuladas pelo desgaste de uma trajetória de disputas permanentes. As próximas falas remontam esses momentos, incluindo as “autocríticas”.

“Eu acho que nós, num primeiro momento, até atuamos certo em termo da mobilização, só que num segundo momento cometemos um erro que eu acho que se fosse hoje nós não cometeria, que foi deixar o pessoal da Remington acreditar (...) eu não sei se como é que eu falando isso, eles vão pensar o que tou falando. Mas, não é, vou dizer assim, confiar no pessoal da Remington mesmo. Não é confiar no sentido de que eles fossem filhos da puta não. Confiar no sentido de que eles sozinhos fossem resolver. Quer dizer, por a gente confiar muito neles, pessoalmente e politicamente a gente não levou em conta que...e eles eram também muito auto-suficientes, eles não demonstravam...eles - *‘não, tudo bem nós vamos resolver’*, era um

peçoal muito firme, e a gente, nesse sentido, de uma certa forma, acho que a gente podia ter chegado mais junto. Não aceitar essa...quer dizer, diante do voluntarismo deles né, do nosso comodismo também no sentido de achar que confiar neles que resolve, a gente podia ter caído mais dentro lá. Tipo botar gente nossa pra ficar direto lá, dois, três. Dois, três militantes bom né, que tivesse uma capacidade maior de realmente ajudar a organizar lá dentro. Acho que isso aí nós erramos. Confiamos e, tinha razão pra confiar, toda razão do mundo pra confiar nos caras. Só que nós também não estávamos preparado pra aquilo, nós não sabíamos, imaginávamos que a bomba era grande mas não sabia que era tão... não tinha noção né? Do que era”. (Washington da Costa)

Jadiel Menezes fala com a propriedade de quem esteve dos “dois lados” na gerência da empresa: como Gerente de Fabricação e como Presidente da autogestão. Suas críticas, aparentemente, são mais de constatação das dificuldades nos momentos mais difíceis do que mágoas contra antigos companheiros de lutas.

“Ficou um desgaste e a gente percebeu também que algumas pessoas que se diziam estar do nosso lado, na verdade não estavam do nosso lado. Algumas estavam e realmente e depois elas se cansaram desse processo todo e começou a vir um questionamento desse grupo. Aí é que foi a crise maior mesmo da gestão em si. Porque a Comissão de Fábrica não foi uma só. Teve mais de uma Comissão de Fábrica, de grupo, eleita, que foi eleita lá dentro. Mas a última, por exemplo, teve gente que vieram da primeira que passaram a ser contra a diretoria. Contra a diretoria. Quer dizer inclusive divergindo e passando pro lado de lá, do lado do pessoal que era ligada a antiga diretoria da empresa. Quer dizer, houve divergência também nesse ponto. Isso até se você quiser conversar com eles, eles podem expor melhor isso”. (Jadiel Menezes)

Esse desgaste dentro do próprio grupo gestor também foi percebido por Waldyr Delgado, mostrando que as dificuldades no processo autogestionário acabaram prejudicando antigas relações pessoais.

“Havia da parte de alguns né? De alguns grupos né? Principalmente um grupo que se opunha à direção do Comitê de Fábrica né? Na Associação (dos funcionários). Porque a Associação estava sendo dirigida né? Por um Comitê de onde participava o Jadiel e eu também né? (...) Começou a surgir uma resistência tipo dizendo que o Jadiel estava tendo privilégios né? Ou o dinheiro que entrava né? Ele sempre tinha parte desse dinheiro com ele não é? Pras suas necessidades pessoais, enquanto outros lá né? O que não era verdadeiro, eu participava disso né?” (Waldyr Delgado).

Washington da Costa tem uma posição de quem conhece as dificuldades do Sindicato em fornecer ajuda maior do que a oferecida nos momentos mais difíceis da organização dos trabalhadores.

“Então o Sindicato na realidade... pra aquele processo o Sindicato não podia fazer nada. O que ele podia fazer era confiar nas pessoas que tavam lá. A única coisa que podia fazer, na medida que o pessoal precisasse de alguma coisa, a gente correr atrás pra tentar ajudar com dinheiro, com uma serie de...liberação de recursos, no Ministério do Trabalho, Fundo de Amparo ao Trabalhador, bolsa de alimentação o que a gente podia conseguir através do sindicato a gente corria atrás e conseguia, mas na parte administrativa de gerenciar a empresa realmente o pessoal de lá era qualificado”. (Washington da Costa)

Waldyr Delgado, embora achando que o Sindicato “cumpre” com seu papel institucional, indica que o comprometimento do Sindicato com a Remington teria ficado aquém das possibilidades. Talvez até por disputas políticas internas.

“Olha! Eu nunca percebi no Sindicato uma, uma visão igual a nossa né? Eu acho que eles achavam que a gente era muito idealista não é? A visão deles acho, que era mais prática né? E não sei se havia interesses também eleitorais lá dentro do próprio Sindicato. Não sei se era um pouco manipulação dessa questão da Remington não é? Mas de certa forma eu acho que eles atuaram como Sindicato tradicional né? Tentando manter a empresa aberta né? E, ajudando, do ponto de vista jurídico né? (...) eu lembro da presença do Washington, principalmente, fazendo é, tentando influenciar né? E abrindo caminhos junto a órgãos do governo, a outros organismos aí da sociedade, pra que dessem apoio a nossa luta né? E tudo o mais e eu acho que num certo momento isso funcionou não é? A gente foi recebido pelo BNDES né? Pra tentar obter um financiamento. Mas esse financiamento não aconteceu. (...) O Sindicato acompanhou tudo isso. Mas eu acho que sempre com essa visão né? De uma maneira ou de outra, salvaguardar lá os empregos né? Ou numa possibilidade de fechamento da empresa, de alguma forma garantir os direitos.” (Waldyr Delgado).

Maria das Graças faz um balanço positivo da participação do Sindicato nos momentos de crise.

“Eles chegaram junto com a gente. Tavam sempre ali, entendeu? Correu muito atrás pra ver o problema de Remington (...) com a gente, entendeu? No carro de som né? Que a gente tava o que? Ia fazer três meses sem salário e a gente, eles não falavam nada né? E a gente, o pessoal, mulher chorando, gente, mulher desmaiou. Homem chorando, pai de família. Vinha chorar em cima de mim, homem chorando entendeu? Eu sofri foi muito e eu não tinha como ajudar, ia fazer o que? Aí o pessoal ia fazer alguma coisa né? Eu falei pro David, David a gente tem que fazer alguma coisa, entendeu? O pessoal tão chorando, mãe de família que é mãe e pai, entendeu? Não tem ninguém. Os filhos pequenos”. (Maria das Graças).

A análise de raciocínio de Maria das Graças indica que o problema maior estava na falta de envolvimento do próprio trabalhador com o movimento sindical. O Sindicato

fazia a parte que lhe cabia. Ainda assim, ela cita falhas de encaminhamento de questões jurídicas. Falhas essas também percebidas por outros entrevistados.

“Teve muito (trabalhador²⁵) que não gostava teve que chegar junto também ali né? teve que chegar junto né? ia fazer o que? Muito, né? na hora do processo, de processo pelo Sindicato. Um tempo, o processo pelo Sindicato”. (Maria das Graças).

Maria das Graças remete críticas ao Sindicato quanto às questões burocráticas quase que exclusivamente na esfera jurídica. Quando foi indagada sobre aspectos de compromissos político/sindicais, sua fala retorna a problemas processuais.

“Tava parado o processo, entendeu? Não tavam habilitados os processos. Não se encontrava habilitado. Aí, eu vim descobrir que o processo tava sem habilitado, então já entramos entendeu? O processo e fomos pra diretoria do Sindicato. Foi quando me falaram entendeu? É, que os processos tavam parados, arquivados, entendeu? Eu falei: vamos ver né? esperar né? quando eu entrar lá dentro né? que eu tava indo assumir (o cargo de diretora do Sindicato²⁶), o que eu podia fazer. Foi onde, entendeu? Começou trabalhando em cima disso. Com a habilitação do pessoal poder, habilitar pra poder receber. Se não tiver habilitado, não recebe. Começou a correria né? o pessoal que tava no particular (ações individuais²⁷), pedia pra desarquivar o processo pra ser habilitado na massa falida”. (Maria das Graças)

Alguns entrevistados mencionaram problemas usuais de gerenciamento, anteriores à autogestão. Sinalizam o eterno conflito entre o Capital e o Trabalho que se expressam as disputas cotidianas no chão-de-fábrica. Deixamos aqui registrados, mesmo sendo os fatos relatados bem anteriores ao processo autogestionário por dois motivos: em primeiro lugar, porque foram narrados com muita ênfase sobre o cotidiano fabril. Em segundo, porque neles estão embutidas, o que Maria das Graças chamou de

²⁵ Nota do autor

²⁶ Nota do autor

²⁷ Nota do autor

“malandragem” do operário da Remington. Quem estuda os processos fabris sabe o quanto essa disputa pelo saber operário foi fundamental dentro das mudanças de paradigma tecnológico ocorridos nas últimas décadas.

Wilson Faleiro relata sua experiência pessoal de “estourar a produção”, fato que teria desagradado outros companheiros de seção. Passagem ocorrida logo após seu ingresso na empresa em 1964.

“Teve até um lance pitoresco, que eu acho que deve ser lembrado, que na linha de montagem, quando eu fui, comecei na primeira semana a trabalhar, não me deram a, nem determinaram quantas peças tinha que colocar na máquina de escrever, e era uma ‘scholer’ onde coloca a fita e colocava era 10 por hora. Ninguém me falou nada, comecei a estourar a produção e quando fui receber meu pagamento, recebi o dobro do que realmente tinha sido contratado. Dia depois eu fui questionado pelos meus colegas em função dessa, desse aumento de tarefa que pra mim era uma coisa normal, mas não! Por ser uma firma americana. A firma americana tem uma tarefa mínima e o excesso ela dá como prêmio que divide entre ela e o empregado. Foi muito bom, todo mundo gostou, resultado: gerou um aumento de tarefa pra todos. Ficaram chateados mas não pude fazer nada”. (Wilson Faleiro).

Alberto Barabana relata o mesmo tipo de problema na sua passagem pela Remington em 1972, quando desenvolvia o cargo Técnico em Controle de Métodos e Processos, responsável em estabelecer os “tempos” de cada atividade fabril.

“Quando a montagem era bem visível isso dava pra ser feito com facilidade, mas quando era na parte de ajuste da máquina de escrever, tinha, acho que quatro postos de ajustes, cada um fazia dez máquinas por hora pra completar as quarenta. E o cara fazia com um alicatezinho dentro da máquina montada, então você não sabia. Ele batia rápido. Quantas vezes ele precisa apertar com o alicate pra ficar bom?

Ninguém sabia. Então você fazia uma cronometragem, dava uma tarefa pro cara (Alberto ri), o cara ganhava o dobro do salário. Aí, o cara vinha desesperado. Não! Tá errado! Não é possível um cara fazer o dobro do salário! A gente quer que faça uma tarefa normal pro cara, justa mas não tão mole.

Nós tivemos que fazer o seguinte: nós tivemos que admitir um cara pra trabalhar na engenharia, pra ser um operário “padrão”. Pra tirar os tempos através dele. Esse cara sim, se ele bobeasse ele entrava no cacete lá (Alberto ri). Porque ele era uma referência né? Então ele era um cara bem treinado né? Um cara que tinha uma habilidade muito manual grande pra aprender. Então nós começava a fazer os tempos por ele e depois checava com o pessoal.” (Alberto Barabana)

Baseado nesse tipo de “controle” Waldyr Delgado acusa a produção “capitalista” de ser antidemocrática, devendo a autogestão, sob uma nova ótica, mudar essa forma de relacionamento dentro da fábrica.

“O que manda ali não é a lei, não é a cidadania, não é a liberdade do indivíduo. O que manda ali é determinado pelos donos da empresa. Então, essa democracia aqui fora, da sociedade civil, eu até hoje não percebo que ela tenha né? Que ela possa ser exercida dentro do teu espaço de trabalho, ali o que vale é definido pela direção da empresa e se a coisa não funciona assim, você é simplesmente demitido”. (Waldyr Delgado).

Os problemas surgiam de todos os lados. Mesmo a necessária unidade dos trabalhadores na condução do processo era conquistada numa luta quase que diária. A desconfiança se espalhava entre os trabalhadores. As disputas políticas, normais na vida sindical, eram um contratempo a mais a serem contornadas pelos “líderes” do movimento. Jadiel Meneses analisa algumas etapas transcorridas.

“Não é porque é hoje que estou falando não, inclusive, na época, lá eu tive divergência com algumas pessoas que me chamavam de..., que me olhavam de lado, porque, acho que esse cara não é o que está parecendo não, porque na realidade ele pertence ao outro lado, ele é burguês, ele é isso, ele é aquilo. Porque? Mas nós tínhamos uma coisa prática. Nós tínhamos 2500 trabalhadores, nós tínhamos que dar continuidade à produção, a manter a continuidade até pra ter autogestão. E discutir essa autogestão. Só que o processo tinha conflito do que é autogestão, pro próprio Sindicato. Então um grupo achava que autogestão é dessa maneira, outro achava que era. Isso colocado numa fábrica em crise, tentando sobreviver, trabalhador com fome, (...)tem que desenvolver novos mercados. Então isso começou a criar uma situação complicadíssima, isso atrasou muito também o processo da gestão em si. Da autogestão em si. Nós fizemos uma autogestão nossa mesmo. Quer dizer, decidimos, aí começou, a partir de um certo momento, nós acabamos assumindo nós mesmos a situação quase que independente lá dentro. Então, largados a certo ponto e tivemos que assumir, tomar decisões nossas”. (Jadiel Meneses)

A entrevista realizada com Carlos Manoel nos ajuda a compreender, mesmo que superficialmente, a dinâmica sindical na época da autogestão na Remington. Suas impressões são significativas pois atuou na direção do Sindicato dos Metalúrgicos no primeiro mandato cutista (1987/1989), quando Washington da Costa era Presidente do Sindicato e nas duas gestões posteriores (1990/1992 e 1993/1995), o próprio Carlos Manoel exerceu o cargo de presidente. A narrativa a seguir mostra um pouco dessa dinâmica.

“Eu tava e atuei bastante na discussão da chapa. Por ter muitas e eu, na verdade, circulava no campo dos independentes é, acabei ficando de fora da chapa. Na convenção em Guadalupe que apontou a possibilidade de uma aliança que envolvia outros setores que tavam no Sindicato, nós mobilizamos bastante trabalhadores da região e conseguimos derrotar essa proposta, mas aí foi feita uma nova reunião

em que poucas pessoas tomaram consciência de que ela existiria, eu mesmo não sabia, e essa reunião que foi no Centro da Cidade acabou aprovando essa proposta de aliança.

A partir daí eu tinha perdido um pouco a vontade de participar da direção do Sindicato. Quando me informaram que eu não estava na chapa, eu não fiquei nada chateado, mas trabalhei bastante, acabei até sendo demitido. Trabalhei bastante pra chapa ser eleita e derrotar o Valdir Vicente, que era o atual presidente”. (Carlos Manoel)

Augusto José relaciona o fato da recomposição da chapa cutista, agora incluindo o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), a uma necessária “Unidade Nacional”, problema sempre encontrado nas composições de chapa dentro da CUT. Sendo necessária, várias vezes, a intervenção de dirigentes nacionais.

“a oposição metalúrgica ela já funcionava, eu, como um sindicato. Tinha uma estrutura...O interessante é que tinha duas opiniões. Uma é que a gente deveria fazer uma, uma frente ampla, com todos os setores que eram da oposição ao Valdir Vicente, e outros que queriam, a gente queria, por exemplo, a nossa Corrente queria, que só fosse o pessoal cutista. Porque tinha o pessoal do PDT e o pessoal do PCdoB, que a gente não queria na chapa. O pessoal do PCdoB tinha, tinha estado com o Valdir Vicente na outra chapa do CGT, pertencia a CGT. Aí, veio um sujeito, que está mito em voga no momento, chamado Delúbio Soares, lá de Goiás, pra impor uma unidade geral. Pra eles era interessante essa unidade geral. Então, essa chapa cutista, essa primeira gestão, ela já foi composta por vários setores” (Augusto José).

Augusto José destaca como fundamental, na tentativa de impedir a entrada PCdoB e do PDT na chapa cutista, durante a Convenção realizada em Guadalupe, o fato de que Jadiel Meneses era muito respeitado pelos operários da área de Guadalupe,

exercendo liderança sobre eles e estava comprometido politicamente com as propostas dos setores contrários ao ingresso dessas organizações no Sindicato.

“A gente tinha a prática, uma política de não compor com nenhum outro, outra força se não fosse da CUT. Mas, o MCR, liderado pelo Washington e todas as Correntes do PT queria todo mundo. Tinha maior medo de não ganhar o Sindicato. A gente acreditava que ganharia. Bastava botar o nome CUT, o pessoal ia votar contra o Valdir Vicente. Ia votar pela CUT, independente de quem viesse, e eles não. Mas nós, sozinhos, uma força só política, sozinha. A nossa política era tão acertada que a gente trouxe um montão de aliados, de gente até ligado ao PT. O Carlos Manoel, por exemplo, votava com a gente contra essa política e era um cara muito próximo ao PT, estava sendo trabalhado pela Igreja naquele momento. O Bezerra estava próximo ao Carlos Manoel. O Jadiel trouxe um montão de gente da Sulzer, da Müller, que eram próximos ao, que eram pessoas da área de influência do MCR e votaram com a gente né? Porque a nossa política era mais honesta, mais acertada também. Mais honesta e mais acertada nesse momento, acredito. Porque não precisava do PCdoB pra gente ganhar o Sindicato dos Metalúrgicos. De jeito nenhum. E seria bem melhor sem eles. Seria muito melhor sem o pessoal do PDT também. Então, o Jadiel foi importante nisso. O Jadiel era da nossa Organização”.

(Augusto José)

Respondendo a uma provocação fraternal sobre ter ficado de fora da composição da chapa para o primeiro mandato cutista, Carlos Manoel esclarece como veio a assumir o cargo de Diretor Sindical.

“Não fiz parte como diretor. Quase seis meses depois fizeram uma convocação²⁸ porque tinha acontecido uma expectativa muito grande na categoria em função da greve, de haver aumento salarial

²⁸ A convocação de diretores não eleitos, da “base” era comum no Sindicato naquela época e atendia aos critérios de necessidade de ter mais militantes atuando diretamente nas “portas de fábricas”, obedecia ao critério de proporcionalidade política das forças atuantes na composição da diretoria.

significativo e isso não ocorreu. Havia já então uma dificuldade muito forte em função dessa primeira batalha. A Força²⁹ apontou pruma campanha fora de data-base, em maio, que algumas correntes acabaram abraçando e ela foi tomando vulto, (...) Tinha uma demanda muito forte e com isso eu acabei sendo convocado, acreditando que essa greve seria, aconteceria, organizando ali Inhaúma e isso, a gente fez uma reunião local e o pessoal achava que eu deveria ser convocado pra poder facilitar o dia-a-dia da atividade na área de Inhaúma.(...) virei diretor por via indireta e aí teve uma dificuldade de retorno pra fábrica”. (Carlos Manoel)

Ao avançar no tempo Carlos Manoel informa a dificuldade de “montar” a chapa cutista para disputar as eleições metalúrgicas de 1989. O problema ocorrera em virtude da força política “Articulação” (organização política dentro do PT e da CUT) ter ganho a convenção na CUT e ter indicado para a “cabeça de chapa” o próprio Carlos Manoel. O grupo político ao qual Washington da Costa estava vinculado teria resistido, segundo Carlos Manoel, a participar dessa chapa, demandando, um esforço de negociação para manter uma chapa unitária da CUT.

“Teve também uma outra discussão que o Washington não queria vir na chapa, coisa e tal e a gente fez uma discussão. Até em cima da Remington, pra que ele fosse o vice-presidente. Que era Secretário Geral e fizemos muito esforço pra que ele aceitasse. Ele não aceitou até em cima da hora, que ele acabou aceitando (...) em função até da Remington que ia se sentir órfã”. (Carlos Manoel)

Usamos essa passagem exatamente para ilustrar a importância simbólica que a Remington tinha para os metalúrgicos no Rio de Janeiro. Ainda assim, Carlos Manoel relata as dificuldades de diálogo com as outras forças políticas atuantes dentro do Sindicato. O exemplo da Remington foi sintomático. Em pleno processo de autogestão

²⁹ Força Socialista, corrente política interna do Partido dos Trabalhadores e da CUT.

política e jurídica por parte da Associação dos Funcionários e da Comissão de Fábrica, em 1990, Carlos Manoel alega certo desconhecimento do tema, um fato incomum em diretorias sindicais onde o Presidente assume, geralmente, uma postura política personalista. Uso a continuidade da fala anterior para ilustrar esse argumento.

“Em função até da Remington que ia se sentir órfã, já que a Remington, o que aconteceu aproveitando o Sindicato, é que a gente soube. Eu, por exemplo, soube da Remington depois do fato consumado, quer dizer, é claro que os diretores da área, lá no local, estavam mais envolvidos. Poucos diretores ficaram sabendo que tava ocorrendo uma possibilidade efetiva de tomada da fábrica pelos trabalhadores. Ficaram sabendo muito, é claro que todo mundo achou do caramba, mas algumas correntes queriam participar mais ativamente, não era o nosso caso. Por exemplo, o PSTU queria mais participação, não sei o que, acabaram indo, mas participando ficou mais a Força e o PSTU nessa história lá da Remington. Nós já achava que era um ganho pro Sindicato, uma fábrica daquele tamanho tá ocorrendo isso, já que paralelo a isso, a conjuntura tava muito difícil.” (Carlos Manoel)

Augusto José Machado, com sua experiência de diretor do Sindicato nas duas primeiras gestões cutitas em cargos na Diretoria Executiva do Sindicato, alerta que essa dificuldade de democratizar as informações acerca do que acontecia nas áreas de atuação dos diretores era fruto, do que ele chamou, de uma “política de feudos”.

“Como eu não era da área da Guadalupe, eu respeitava muito a ética. Tinha muita época nisso. Eu não ia lá fazer o trabalho metalúrgico então, na Remington. (...) eu tinha a questão ética de não participar na área do David³⁰. Eu tinha um medo do David tremendo. O David, qualquer coisa ‘denunciava’ contra. O David, ele, ele punha

³⁰

Diretor do Sindicato dos Metalúrgicos e militante da Força Socialista.

‘muralhas’ bem fortes no ‘feudo de Guadalupe’. Era o ‘feudo’ do David, ninguém podia chegar perto”. (Augusto José)

A lógica desse comportamento, segundo o Augusto José, estaria ligada a necessidade das organizações que atuavam dentro do Sindicato e da CUT de ampliar o quantitativo de trabalhadores comprometidos com sua política de ação.

“A preocupação maior era essa né? Que era um potencial de gente boa pra levar pro Congresso da CUT entendeu? Pra ganhar uma proposta no Congresso da CUT. Pra tirar delegados pro Congresso da CUT. Pra ganhar uma Convenção no Sindicato”. (Augusto José)

Um grande fato inibidor da passagem, aos trabalhadores, do controle acionário da empresa foi o uma operação financeira que cedia as Ações da Remington a uma empresa denominada Quality Syntectys. Essa operação envolvia membros da antiga diretoria, O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES (gestor financeiro da operação) e o empresário Irany Médice.

Os trabalhadores relatam essa passagem com muitas críticas ao BNDES. Segundo alguns entrevistados, o Banco estaria envolvido em práticas financeiras obscuras na liberação de recursos à Remington junto ao empresário que assumia o controle da empresa (chamado por alguns de “laranja” ou “laranjeiro”). Foram momentos de muita tensão e expectativas. Jadiel Meneses não deixa de registrar essa passagem.

“Relembrando que dos 2500 foram demitidos assim, umas 600, 700 pessoas, porque eles diziam que era preciso pra poder a empresa que tava pra assumir, essa empresa assumir num patamar menor de funcionários que depois poderiam até ser admitidos em função de uma série de projetos, até avião poderia se fabricar essa empresa lá dentro.

Isso tava num acordo com o sindicato. Que podia readmitir as pessoas, então o sindicato, entre aspas, não é que concordou mas, aceitou de certa forma o processo, só que na realidade a empresa era uma empresa laranja, ou o BNDS, na época das pessoas que estavam lá na época, concederam uma desalienação das ações que estavam alienadas. Uma coisa muito séria, quer dizer, a garantia de o BNDS poderia receber aquela dívida que os antigos donos contraíram com o BNDS era a alienação das ações. Não podia desalienar as ações. Eles desalienaram pra essa Quality entrar. Tá! Se eles desalienassem pra uma Quality que era uma empresa que tinha sido checada que era uma empresa honesta que existia, tudo bem. Mas como é que você desaliena pra Laranjeira. Então houve uma situação complicadíssima interna lá do Banco.

Solange – descoberta pelos trabalhadores.

Jadiel – é, descoberta pelos trabalhadores, sindicato, a gente juntos. E que na realidade não existia essa empresa. Essa empresa, o camarada era golpista no Brasil já há alguns anos, vendia até tijolo pro Iraque, em vez de armas. Quer dizer, uma situação complicada. Então a crise se instalou realmente. Se demitiu trabalhadores, entrou uma empresa laranja, e aí o que que aconteceu? A gente foi obrigado a entrar, peitar esse pessoal (...) e também tinha essa situação do Lula que havia uma eleição ali em novembro né? A perspectiva de que o Lula assumisse o governo naquela época, então casou tudo junto. Então a gente falou, puxa se a gente não assumir há uma perspectiva de que possa haver uma mudança daqui pra frente, então, na época quando houve a demissão de quase metade dos trabalhadores, eu fui junto também e o embrião da Comissão de Fábrica também foi jogado na rua né? O pessoal da Quality não queria tumulto dizendo que ia lá resolver o problema. Na realidade não resolveu e a gente ficou de fora, mas o pessoal escutava o que a gente falava e continuou parado acreditando que a Quality ia entrar. A Quality entrou, não mudou, e a gente teve que ir mais forte no processo. Fomos atrás do Laranjeira. Aí é um outro enredo tudo muito ... que a gente pode falar depois”. (Jadiel Meneses)

Washington da Costa aprofunda a discussão sobre o papel institucional que deveria ter, em tese, um Banco de Desenvolvimento e não atuar como uma instituição financeira convencional.

“Inclusive existia uma linha de crédito no BNDS. Era a linha de crédito pras empresas que desenvolvessem projetos de novas tecnologias. Só que o BNDS não podia liberar dinheiro pra Remington porque a Remington tava...então e o Governo do Estado, o Governo Federal, ninguém se preocupava e a visão do Estado mesmo – a maioria deles - era realmente, era uma empresa sem perspectiva, sem futuro. Então, do ponto de vista governamental, né, não existia apoio nenhum, muito pelo contrário, existia uma política mesmo de detonar”.
(Washington da Costa)

Washington da Costa desenvolve o raciocínio de que uma operação de venda da empresa teria que ter o apoio do BNDES. Essa operação recebeu apoio dos trabalhadores da Remington que viam ali uma possibilidade de manter a fábrica em funcionamento.

“Então se tentou que a empresa no período, né, os donos da empresa tentaram vender a empresa pra Olivetti, não conseguiram, né e no segundo momento apareceu um cara, um pessoal, os empresários de uma tal Quality Internacional, né, que se dispôs a comprar a Remington. Então essa empresa conseguiu, eles conseguiram, como a empresa estava sob caução do BNDS ela conseguiu a anuência do BNDS pra comprar e conseguiu comprar a empresa sem dar dinheiro nenhum, sem pagar nada, só com a liberação do BNDS e com alguns, com algumas cartas de compromisso de compra de máquinas de escrever. Então tinha cinco mil máquinas a ser compradas na África, cinco mil máquinas não sei onde. Então com aquela carta de crédito que eles tinham, eles conseguiram que o BNDS liberasse a venda pra eles da empresa, né; como o BNDS liberou, nós fizemos pressão, inclusive, fizemos, no último período paramos a empresa, só, fizemos pressão no BNDS; uma das coisas que nós conseguimos era que o BNDS só liberava a empresa se tivesse acordo com os trabalhadores, aí nós conseguimos fazer um, acordo; aí colocamos estabilidade pra comissão de fábrica, aquelas pendências todas nós colocamos tudo no papel, né. Nada foi cumprido (risos) mas tudo foi acordado. E o BNDS

foi, quando eles foram no BNDS, fomos nós também e de certa forma nós avalizamos a venda da Remington também, né, mas porque toda a avaliação técnica sobre a empresa que tava comprando o BNDS bancava, assegurando que a empresa era idônea, não sei o que.”
(Washington da Costa)

As disputas pelo controle da empresa não estava relacionada somente com o BNDES e o atual dono, Irany Médice. Nesse momento até antigos diretores da Remington buscavam espaço de intervenção.

“É, porque é o seguinte: dentro da empresa ainda ficou o pessoal que, mesmo na época da autogestão, ainda ficou um pessoal ligado aos antigos donos da empresa. Só que na época em que os trabalhadores assumiram, todo esse pessoal virou, todo mundo virou revolucionário dentro da empresa, uma série deles né. E então, apesar da gente estar sendo controlado pelo trabalhador tinha muita gente ainda dentro da empresa, muitos, né, principalmente aqueles que em algum momento que foi cargo de confiança dos antigos donos, que realmente trabalharam pros caras e a política nossa não era demitir também. No primeiro momento, até que se prove o contrário, tu vai confiar em todo mundo que tá naquele processo. Então eles tinham os deles dentro da empresa, como tinha fora também. Quer dizer, tudo aquilo que eles podiam por fora fazer pra bombardear a gestão que tava sendo realizada pelos trabalhadores eles fizeram, tudo; tanto eles como os bandidos que saíram tentaram bombardear de toda maneira, porque todos eles tinham interesses ainda lá dentro né, então tem...toda a diretoria da Remington, Pinho, aqueles caras tudinho, todos eles estão com processo na justiça pra pegar indenização. Então tem uma série de situações... eles trabalharam pra, a idéia deles, já fora era realmente executar a empresa, eles já não estavam mais como ex-donos, os donos que iam ser bombardeados na falência já era a Associação, ou o dono anterior. E eles se sentiram fora e conseguiram, e entraram na justiça pedindo direito trabalhista”. (Washington da Costa)

A Associação dos Funcionários da Remington recebeu as Ações da empresa, assumindo todas as responsabilidades jurídicas a partir de então. Wilson Faleiro, no cargo de Presidente da Associação rememora esse fato fazendo críticas ao proprietário anterior.

“nessa hora aparece sempre um oportunista e apareceu o Sr. Irany Médice, uma pessoa que veio de São Paulo dizendo que compraria a empresa por cinco milhões de dólares e pagaria todos os empregados.

No início foi tudo festa que realmente o que ele se comprometeu fez, entendeu? Mas é troço complicado porque ele nunca pagou aos acionistas da Remington. Simplesmente os acionistas da Remington que foram receber esse dinheiro com ele quase ficaram presos porque o dinheiro não existia, entendeu? Resultado! Como a Remington vendeu pra ele sem condicionar nada, nem uma auditoria pro lado dele, nem o recebimento pelo lado da empresa, resultado! Ficou uma briga entre a Remington e o Sr. Irany Médice, que foi parar na justiça.

Veio o lado desagradável, porque nós levantamos a situação do Sr. Irany Médice e vimos que realmente ele não tinha condições mínimas de gerar. Que conseguiu foi endividar mais a empresa na qual ele conseguiu empréstimos nos Bancos.

Pagou os salários, isso foi muito bom, mas deixou uma situação insustentável. Ao ponto que eu, nessa ocasião, Wilson faleiro, exercendo a atividade de Presidente da Associação, falei com ele taxativamente que era inviável ele dentro da empresa. Tanto eu quanto o Luiz Carlos, que era do Jurídico e um belo dia, depois de nós identificar a situação da empresa pra ele, pegamos o controle acionário pra Associação dos Funcionários. Na qual nós íamos gerir a empresa, que era o sonho de todos os empregados de chegar ao ponto de gerir a empresa”. (Wilson Faleiro)

Lea Maria faz um relato interessante ao expor algumas “feridas” nas lutas cotidianas durante a autogestão. Uma idéia inicial de que seria necessário o comprometimento de “todos” os envolvidos nesse processo, esbarra na realidade mais dura do que se pode esperar. Sem emitir juízo de valor, principalmente pelo fato da

questão do “roubo” de peças ou máquinas ter aparecido somente no relato da Lea, ainda assim é importante expor esse tipo de abordagem. Trabalhadores que por extrema necessidade ou incompreensão da nova dinâmica a que eles estavam submetidos, passam a “resolver” seus problemas mais imediatos de forma individual.

“Não sei nem porque que a empresa não deu certo. Porque os trabalhadores tavam tão ligados, tavam tão. Os trabalhadores começaram a roubar. O certo é isso, começaram a passar peça de máquina, passava pelo muro, então começaram, já tava achando que ia fechar. Que não tava tendo pedido mais, a Argentina como a gente tinha pedido né, e o pagamento começou a atrasar novamente né.(...)Aí a gente só recebia se conseguisse vender as máquinas né, aí começou, o pessoal foi também desacreditando no Jadiel né, Teve mágoa porque ele mandou gente embora no caso”. (Lea Maria)

Além do fato do “roubo” de peças e máquinas, a questão da demissão de trabalhadores foi outro fator de discórdia dentro da autogestão. Na concepção de Lea Maria o emprego deveria ser garantido a todos os trabalhadores que atuaram no primeiro momento da autogestão. A contratação de pessoas “estranhas” ao quadro original na fábrica também contribuiu para “desunir” o grupo gestor.

“Eu acho que tá na luta, já tinha diminuído, reduzido funcionário pra ficar na gestão né, porque aí não tinha condições de ficar com aqueles dois mil empregados, e ele, o que foi colocado é o seguinte: conforme a gente ia melhorando, ia voltando os empregados né, ia chamando os empregados de volta, mas a gente tava vendo que isso não tava nem acontecendo, só chamava aquelas pessoas que, com cargo alto (Lea ri), um cargo alto que eu achava que, mão-de-obra pra ele, não adiantava nada, quer dizer, só ia sair mais dinheiro dali pra eles. Então começou assim, então as pessoas que a gente achava que poderia voltar, que lutou junto com a gente, poderia voltar. Não foi chamado, sabe, sempre dava: ‘Ah! Aguarda, aguarda mais um pouco’. Aí sempre mandando aguardar que ia chamar mas nunca chamava, aí começou assim, a gente já começava a ficar chateada né, os colegas que sempre

lutou, que sempre tava ali do lado e não foi colocado dentro da companhia novamente. Ai começou nessa leva que a gente ficamos chateada com isso”. (Lea Maria)

Maria das Graças relata algumas passagens onde o trabalhador usa de certa “malandragem” pra fugir do debate político (ou talvez resistência em aceitar o debate político “permitido pela empresa”). É ilustrativo o fato de que o trabalhador que não foi “convencido politicamente” da necessidade de sua participação no movimento sindical, tenha dificuldade em comparecer às Assembléias convocadas pela direção do Sindicato para discutir os rumos das lutas da categoria.

“Quando eles passaram a falar que a gente podia ir, que tava tudo bem entendeu? Aí o pessoal passou a não se interessar mais pra ir (risos), o pessoal disfarçava e ia pro bar tomar cerveja sabe? Porque falou, entendeu? Que podia ir né? Tudo bem né? ‘Ah! Já que vocês tão indo mesmo, então tudo bem né? Vocês tem até lá em Japeri, lá, a Colônia de Férias né?’ falou que tava sabendo, que tinha uma boa Colônia de Férias, entendeu? Que tava tudo bem, que podia ir. Aí, dali pra cá né? Que falou, que não ligou, deixaram. Falou que podiam ir pro Sindicato, tava certo ir pra reunião, pra assembléia, aí né? Foi onde que o pessoal começou a desmobilizar. Em relação a ir às assembléias no Sindicato”. (Maria das Graças)

Essa infinidade de problemas e contratempos marcava o cotidiano da Remington antes e durante todo o período autogestionário. Outros problemas, com certeza, existiram e teríamos contatos com eles caso a pesquisa fosse ampliada e mais atores sociais viessem a depor sobre o assunto.

Já foi dito anteriormente que alguns trabalhadores se recusaram a dar entrevista. Seria conveniente ouvir os antigos proprietários da fábrica, o Juiz e o Interventor da Massa Falida, mais trabalhadores da empresa, moradores e comerciantes do bairro de

Guadalupe, outros diretores do Sindicato dos Metalúrgicos, dirigentes da CUT Nacional e do Rio de Janeiro. Infelizmente os contratempos e a exigüidade do tempo de pesquisa remetem essas necessidades para o futuro. Esperamos poder ampliar esse debate em outros momentos.

III - MEMÓRIA E ESPAÇO

III. 1 - A memória do bairro

Meu Rio
 (...) O teu carnaval
 É um vapor luzidio
 E eu rio
 Dentro da favela do Muquiço
 Mangueira no coração
 Guadalupe em mim é Fundação
 Solidão
 Maracanã
 Samba-canção
 Sem pai nem mãe
 Sem nada meu
 Meu Rio
 (Caetano Veloso)

Um outro fator pesquisado foi a relação do trabalhador morador do bairro de Guadalupe, local de instalação da Remington. Buscou-se, dessa forma, verificar o impacto que a falência da empresa pudesse ter causado nas relações locais; como o bairro “sentiu” a perda de uma empresa do porte da Remington, tanto no campo social (para onde foram os desempregados da empresa), como no campo econômico (perda de clientes no comércio local) e, ainda, se o morador teve informações de que a Remington passou por um processo autogestionário.

Ao ser solicitada a falar se os moradores chegaram a perceber a crise que a Remington estava atravessando, Lea Maria, ela própria moradora do bairro, informa:

“Chegaram porque a maioria morava lá, aí falava pras suas famílias né, tava indo. Porque a mulher que fica em casa, o cara trabalha, aí não traz dinheiro pra casa, o que que vai pensar? Tem outra na rua. Então o que que acontece, você tinha que colocar a situação. Ah! Não tem pagamento, ta em crise.né, aí começou, a maioria tudo morava lá mesmo, quer dizer, aí começou aquela, tanto é que o bairro ali ajudou muito, na época da campanha do quilo (...) Fechamos a Avenida, fizemos faixas, né, pedágio pra comprar alimento né, e

conseguimos bastante coisa mesmo (...).teve cesta básica do pessoal, deu uns dois três meses mais ou menos, deu pra fazer a cesta básica do pessoal. Quem tinha filho pequeno, a gente conseguimos lata de leite, conseguimos bastante coisa, apesar de passar muitas humilhação mas conseguimos né? (Lea Maria)

O bairro de Guadalupe³¹, como já foi dito anteriormente, está situado na Zona Norte do Município do Rio de Janeiro região limítrofe com a Zona Oeste. Sua principal ligação de acesso é a Avenida Brasil que corta o bairro literalmente ao “meio”³². Possui, hoje, uma população que gira em torno dos 40 mil habitantes³³, conta com 26 indústrias dos mais variados ramos de produção, 14 escolas de níveis fundamental e médio, duas unidades de saúde municipais, além de um comércio bastante diversificado. Dentro da “mitologia” do bairro está o fato da “presença clandestina” do compositor Caetano Veloso antes de sua prisão pela Ditadura Civil Militar. Os versos expressos na canção Meu Rio (trechos na epígrafe deste capítulo) retratam o carinho do compositor pelo bairro. Na década de 1980, Caetano Veloso foi homenageado com a instalação de uma “Lona Cultural” no bairro. Parte de um projeto cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro, batizada *Terra*, título de uma das composições de Caetano Veloso. O bairro também é citado em outras composições da música popular brasileira.

A relação da Remington com o bairro foi reconhecida por todos os entrevistados como uma empresa essencial ao desenvolvimento econômico e social no espaço local e entorno. Desde sua instalação produtiva, em 1957, não se pode falar da história de Guadalupe sem inserir a Remington nela. As falas dos trabalhadores da Remington, sendo eles moradores ou não, vem corroborando as expectativas quanto a importância da Remington para a região. As falas a seguir nos dão um pouco dessa amplitude.

³¹ Ao final dessa seção vemos a planta parcial do bairro com a localização da Remington em destaque.

³² Fato citado com ênfase por alguns entrevistados.

³³ Todos os dados estatísticos envolvendo o bairro de Guadalupe são referentes ao ano de 2004 e foram extraídos do Rio Atlas do Instituto Pereira Passos – IPP. Ver anexo II.

“A empresa, como eu te falei, era uma empresa que primeiro se fixou ali,então girou em torno dela um comércio,muita gente morava por ali, e tinha um detalhe, ela tinha uma Associação de Funcionários que acho que é desde o início que essa associação tem, então essa associação trabalhava da seguinte forma, o funcionário tinha um desconto em folha do que ele comprasse na farmácia credenciada na associação, no mercado, no botequim, na loja de sapato né? Então, criou-se um comércio assim mesmo baseado naqueles recursos que são de quase três mil trabalhadores, é muita gente, o faturamento desse pessoal dessas empresas ali em volta, o comércio,era da Remington, depois veio a Armco,depois uma Cibrapel ali, a Remington era muito maior,participava mais, tanto é que depois da crise veio a crise geral no comércio ali em volta muita gente faliu, mudou de ramo e hoje são totalmente diferentes pessoas que estavam na época ali”. (Jadiel Menezes)

Em um relato mais aprofundado sobre o bairro, José Maria³⁴, um antigo morador de Guadalupe, nos relata uma série de histórias que ilustram como o espaço do bairro se confunde em diversos momentos com os “espaços” da Remington. Vale a pena citar algumas de suas falas.

“Eu cheguei em 59 e encontrei um bairro primeiro com características totalmente diferentes do que é hoje. Primeiro que ele não era um bairro com...ele era um distrito. Ele era um distrito do bairro de Deodoro, por isso que à época ele era chamado de Fundação da Casa Popular de Deodoro. Então, as coisas muito precárias, é...em 59 nós tínhamos a principal rua do bairro que é a Marcos de Macedo, naquela época não era nem chamada de Marcos de Macedo. Não tô recordado do nome. Ela era lama pura, você saltava de um ônibus, tinha que tirar o sapato pra chegar em casa que senão chegaria com ele totalmente

³⁴ José Maria é um antigo morador do bairro de Guadalupe. Fala com entusiasmo das possibilidades do bairro. Foi, nesta entrevista, bastante elucidativo a respeito da história da Remington como parte integrante de Guadalupe. Ver perfil dos entrevistados. Entrevista concedida ao autor em 25/10/05.

sujo. E depois veio algumas instalações de indústrias, foi melhorando, principalmente a instalação da Remington que trouxe um grande progresso para o bairro.” (José Maria)

A entrevista com o Sr. José Maria foi a primeira executada com um morador de Guadalupe que não teve nenhum vínculo de trabalho com a Remington. Esse tipo de entrevista se faz necessária para verificar um posicionamento mais “distante” do cotidiano fabril. Busca-se perceber o impacto da instalação de uma indústria do porte da Remington na lembrança do morador do bairro.

“Guadalupe sempre foi um bairro muito acolhedor. Porque era um bairro onde teve muitas coisas aqui interessantes, como por exemplo, nós tínhamos aqui festivais de quadrilha. Quadrilha, quer dizer, quadrilha música junina. Música de junina, as danças juninas da época de junho. Nós tínhamos quadrilhas em várias ruas, as pessoas se comunicavam muito bem. Isso foi dando aquela impressão naquela afinidade entre os moradores. Depois nós fomos vendo que o bairro também oferecia condições de ser o que é hoje. Como é o caso, eu volto a falar sobre a Remington e outras instalações e também a facilidade de transporte sempre foi muito realmente, importante isso e quer queira ou quer não também prevalecia uma coisa aqui em Guadalupe. O bairro tinha as suas raízes culturais, como por exemplo, blocos carnavalescos, é..., clube como o Guadalupe Country Club, que promovia à época, era chamado Cassino Bangu, era uma extensão do Cassino Bangu. Uma das primeiras piscinas oficiais de bairros da zona norte, pertence ao Guadalupe e promovia bailes de carnaval maravilhosos, enfim, isso foi passando de geração à geração e hoje, eu que não sou tão velho assim mas já estou com 66 anos, eu lembro muito bem que filhos de amigos meus, netos de amigos meus hoje ainda continuam aqui, falam da mesma maneira que eu”. (José Maria)

Indagado sobre a importância da Remington para o bairro de Guadalupe, Wilson Faleiro exagera ao indicar que “Guadalupe não tem mais vida”. Isso demonstra o quanto a Remington, para ele, marcava a história do bairro.

“Nós estendíamos aos moradores de Guadalupe essa facilidade de eles também freqüentar a nossa Associação. O Ginásio cabia e aos sábados, inclusive, o campo, que era atrás do Ginásio, era portão aberto pra eles assistirem os grandes jogos (...) os moradores de Guadalupe, eu digo de cadeira, sente falta até hoje da Remington. (...)

Olha só! Pode ver, vocês podem partir do seguinte: desde 1992 que Guadalupe não é a mesma coisa. Você vê o bairro onde tinha vários restaurantes, vários barzinhos, que os funcionários da Remington, quando saíam durante a semana, ficavam ali que era o ponto de ônibus. Era uma vida que Guadalupe tinha. Hoje em dia Guadalupe não tem mais vida. Que a Remington realmente acabou e os moradores de Guadalupe hoje estão mudando pra outros lugares. Por quê? Porque a Remington quando acabou. Acabou toda a infra-estrutura que a própria Remington tinha ali. Ela mantinha o comércio. O comércio ali ele era usado pelos funcionários. Eu posso destacar o seguinte: as farmácias tinha convênio, aonde os empregados iam pegar o remédio. Pagava com desconto de 40%”. (Wilson Faleiro).

José Maria, apesar da ausência da Remington, ainda encontra espaço para acreditar que Guadalupe possa se manter como grande bairro que foi no passado. Tem esperança de que o bairro tenha representação própria nas esferas políticas de poder.

“Eu vejo que tem futuro sim, porque eu não sou tão pessimista. Já falei sobre o representante político, mas eu sou ainda um pouco otimista em esperar que um dia algo seja feito pra o futuro ser melhor porque esse futuro já chegou e nós estamos bem lembrados do início da nossa entrevista, eu falei que Guadalupe começou um bairro praticamente implantado, era de recursos parcos, etc., e hoje tá aí esta potência que está. Eu considero uma potência, então eu não vou ser pessimista de dizer que não tem futuro. Tem porque o próprio futuro de

Guadalupe já chegou, mas poderá chegar com bem mais importância baseado naquilo que já te falei, acredito que alguém do próprio bairro vá conseguir um dia ter uma representação a nível governamental. Seja um membro do governo, seja um membro político de influência a nível estadual, municipal ou federal, e pleitear aí exigir para Guadalupe algo sempre melhor. Porque é assim que se faz, eu sou o representante. Se eu sou o representante eu tenho que representar. É a expressão correta”. (José Maria).

Alberto Barabana, morador de Guadalupe e antigo funcionário da Remington indica a proximidade da fábrica como fator positivo na procura por emprego, uma facilidade adicional que não podia ser menosprezada.

“Olha! Primeiro a proximidade né? Morava já aqui em Guadalupe ... naquela época a Av. Brasil tinha um sinal luminoso. Você podia passar desse lado pro outro lado da remington sem dar a volta né? Muito perigoso na época né? Quantidade de acidentes levou a retirada do sinal.então a facilidade era muito grande, saía, nem almoçava lá. Cinco minutos eu tava em casa almoçando, voltava né?”

Então, com a Remington trabalhava com mecânica e naquela época a facilidade de emprego, de mudança, era muito grande. Que não tinha a concorrência que existe hoje né? Então você tava trabalhando, um amigo teu tava trabalhando já na Remington, te ligava – “olha, vem pra cá, que aqui paga um pouquinho mais” – e você se deslocava imediatamente né?” (Alberto Barabana)

Dona Arivalda³⁵, morando até hoje no bairro de Guadalupe, indica que a sua vinda pro bairro, em meados da década de 1960, já se fazia necessário para “facilitar” o trabalho de seu marido na Remington. ela cita com muito orgulho o fato de que seu marido foi “eleito operário padrão³⁶” da fábrica, disponibilizando, com rígidas

³⁵ Dona Arivalda, como fez questão de ser chamada, é moradora de Guadalupe e viúva de um funcionário aposentado pela empresa. Entrevista concedida ao autor em 27/08/06.

³⁶ A reprodução do jornal com a referida “eleição” está contida no anexo 7.

recomendações de retorno, o jornal da Remington informando o fato. Perguntado qual o motivo de virem morar em Guadalupe, Dona Arivalda foi bastante direta: “é por causa da distancia. A gente morava longe e pra facilitar ele vir almoçar em casa”. Motivo quase idêntico ao apresentado por Alberto Barabana.

Solicitado a opinar sobre que motivos levam os moradores a fazerem opção pelo bairro de Guadalupe, José Maria expressa com certa emoção.

“Bom, eu vou responder por mim, mas quero crer que também muitas pessoas tenho essa impressão. Guadalupe sempre foi um bairro muito acolhedor. Porque era um bairro onde teve muitas coisas aqui interessantes, como por exemplo, nós tínhamos aqui festivais de quadrilha. Quadrilha, quer dizer, quadrilha música junina. Música de junina, as danças juninas da época de junho. Nós tínhamos quadrilhas em várias ruas, as pessoas se comunicavam muito bem. Isso foi dando aquela impressão naquela afinidade entre os moradores. Depois nós fomos vendo que o bairro também oferecia condições de ser o que é hoje. Como é o caso, eu volto a falar sobre a Remington e outra instalações e também a facilidade de transporte sempre foi muito realmente, importante isso e quer queira ou quer não também prevalecia uma coisa aqui em Guadalupe. O bairro tinha as suas raízes culturais, como por exemplo, blocos carnavalescos, clube como o Guadalupe Country Club, que promovia à época, era chamado Cassino Bangu, era uma extensão do Cassino Bangu. Uma das primeiras piscinas oficiais de bairros da zona norte, pertence ao Guadalupe e promovia bailes de carnaval maravilhosos, enfim, isso foi passando de geração à geração e hoje, eu que não sou tão velho assim mas já estou com 66 anos, eu lembro muito bem que filhos de amigos meus, netos de amigos meus hoje ainda continuam aqui, falam da mesma maneira que eu”. (José Maria)

As falas acima citadas são provas do quanto a Remington marcou a história do bairro. Sua ausência física será sentida por muito tempo, pelo menos até que o espaço

vazio deixado seja completado, ou que a velha fábrica seja somente uma vaga lembrança dos saudosistas que resistem a “marcha inexorável do progresso”.

Foto da “casa balão”. Uma moradia “peculiar”.



Imagem sem créditos.

III.2 – A memória e o espaço da fábrica

Para rememorar o que a Remington representou vamos lembrar como se produziu esse espaço fabril. Contamos, nesse momento, com a importante colaboração da pesquisadora Lia Tiriba que realizou uma exaustiva pesquisa, sob a metodologia da observação participante, dentro da Remington entre os anos de 1990 e 1994³⁷. Alguns dados extraídos da sua pesquisa se encontram aqui.

Um relatório da empresa intitulado “Informações sobre a fábrica Remington Rand – Deodoro. Rio de Janeiro”, datado de 16 de junho de 1961, menciona a grandiosidade das instalações e de todo o maquinário disponível. Nas fotos selecionadas para o referido relatório, encontramos destaque para a presença na inauguração, das novas instalações, do Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, do Prefeito do Distrito Federal, Francisco Negrão de Lima e do Bispo Dom Hélder Câmara³⁸.

Até o ano de 1957, as instalações da Remington vinham produzindo os artigos mais variados com destaque para os móveis de escritórios em aço e cofres/caixas militares. Antes de serem fabricados no Brasil, os produtos Remington eram importados pela Casa Pratt desde 1907. Após a inauguração do parque fabril em 1957 pode-se dizer que o bairro e a fábrica se desenvolveram paralelamente com a rápida expansão urbana verificada ao longo das décadas de 1960 e 1970.

No ano de 1979 a Remington passa por um processo de nacionalização onde alguns diretores compram a parte acionária da Divisão Sperry Rand. A empresa passa a se chamar Remington Indústria e Comércio de Sistemas para Escritório. Em março de 1990, o controle acionário passa para a Quality Synthetics do Brasil em uma operação

³⁷ Ver referências bibliográficas.

³⁸ Ver anexo 3.

financeira confusa³⁹ e com o aval do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Ainda em 1990, no mês de agosto, o controle acionário da Remington é assumido pela Associação dos Funcionários da Remington. Em novembro de 1993 é decretada a falência definitiva da empresa, mantendo-se a administração da Massa Falida sob controle da Associação dos Funcionários. Em agosto de 1994 o interventor designado pelo Juiz da 3ª Vara de Falência, desconsidera quase completamente as decisões administrativas da Comissão de Fábrica. Na prática a intervenção pôs fim à autogestão.

A grandiosidade da empresa pode ser verificada através dos números: sua imensa área construída de 43 mil metros quadrados dentro de um terreno de 82 mil metros quadrados. O esboço⁴⁰ a seguir, contendo as seções que compunham o parque fabril e a foto aérea da empresa⁴¹, à época de sua instalação, dão uma dimensão visual das proporções da Remington. Era uma empresa de padrão clássico “Fordista”, abrigando em sua unidade a quase totalidade de seções necessárias à fabricação do produto final. O número médio de trabalhadores empregados permanentemente oscilava em torno de 3000 funcionários. Dados registrados nas memórias dos trabalhadores.

Além dos momentos onde a ação política era fundamental na constituição do projeto operário, os trabalhadores lembram de aspectos ligados ao dia-a-dia da fábrica, passagens ligadas a montagem/fabricação de componentes da máquina ou simplesmente lembranças de uma seção ou equipamento específico às tarefas cotidianas. Essas lembranças compõem um mosaico na memória social. Jadiel Menezes relembando as várias unidades de fabricação indica o quanto era possível diversificar a produção da fábrica.

³⁹ alguns entrevistados questionam a isenção do BNDES nessa operação financeira.

⁴⁰ Extraído do relatório de Lia Tiriba, página 156. Ver referências bibliográficas.

⁴¹ A foto é parte do relatório citado anteriormente.

“A realidade a Remington não era uma fábrica.. Essa visão acho que foi o principal erro de tudo. Era uma unidade, era uma área industrial com várias unidades dentro dela. Por exemplo, tinha uma área de injeção de plástico tinha injetoras que só a Remington tinha, não sei quantas toneladas, coisa imensa. Que fabricava, injetava a carcaça da máquina que era uma coisa muito grande, então uma ferramenta daquelas era quase do tamanho dessa mesa aqui. Então aquela era uma unidade que podia fabricar qualquer coisa. Porque que podia fabricar? Porque ela tinha uma ferramentaria. E a ferramentaria fabricava qualquer ferramenta. Tinha uma unidade então, ela era uma empresa verticalizada, não é como é hoje que é tudo feito em vários lugares e junta num lugar só. Ela fabricava e montava o produto, então a molinha de um milímetro lá era fabricada lá dentro até o molde de quase 1 metro, 2 metros de comprimento. Então era uma empresa verticalizada. Tinha unidade de injeção tinha unidade de eletrônica tinha unidade de prensa de torno, que podia fazer qualquer peça, eles chegaram até a fazer. Eles vendiam pra FIAT algumas peças, pra Xerox, estampavam algumas coisa pra esse pessoal. Só que eles não tinham isso como uma visão de negócio, eles tinham só a máquina e foram ficando só com a máquina. Foi apertando o mercado, apertando, diminuindo” (Jadiel Menezes)

Washington da Costa quase repete na íntegra a fala de Jadiel, mostrando como os espaços fabris constituem parte integrante da memória operária. Vale a pena o registro já que estamos falando de dois entrevistados que conheciam bem o processo de fabricação de empresas metalúrgicas.

“Naquela ocasião a máquina de escrever já era um produto em extinção, começava a ser um produto em extinção, já começavam a surgir os computadores e a empresa tinha inclusive, ela conseguiu – apesar de ter dívida no BNDS, conseguiu financiamento pra produzir máquinas eletrônicas, na época, teclados né, teclado musical, teclado... tinha alguns outros projetos pra mudar. Na realidade tinha um problema crônico na empresa que era um problema tecnológico; a máquina de

escrever ela tava em fase, vamos dizer assim, já não era um produto lucrativo e começava já a aparecer computador, começava a aparecer as alternativas, a máquina eletrônica já começava a ficar obsoleta, né? Então tinha um problema administrativo, apesar disso a empresa tinha mercado. Na realidade no Brasil eram a Remington e a Olivetti que fabricavam, elas exportavam pra vários países do mundo, exportavam pra África, Argentina, exportava pro mundo todo, mas já começava a sentir a paralisia tecnológica dela já nesse período, né. Tinha esse problema mas tinha outras alternativas de produção né. Poderia produzir monitores de computador, o que tava surgindo de nova tecnologia ela poderia tranquilamente entrar nesse mercado e começar a se adaptar a isso. Tinha, porque isso? Porque ela tinha um parque industrial importante, tinha uma ferramentaria muito boa, tinha um setor de injeção de plástico forte, tinha um setor que já produzia e montava máquinas eletrônicas que poderia facilmente se adaptar, né. Tinha toda uma estrutura dessa parte de eletrônica montada porque ela montou uma estrutura pra fabricar máquina eletrônica, então tinha estrutura já pra isso montada, né?” (Washington da Costa)

Ao lembrar aspectos ligados diretamente a produção das maquinas de escrever, quase todos os entrevistados destacaram uma de suas seções: a Ferramentaria. Para meu espanto essa seção foi mais lembrada do que as de Fabricação e Montagem. Intrigado com esse fato, passei a indagar o que representava de positivo para uma empresa metalúrgica possuir uma Ferramentaria. As respostas elucidam o motivo de tanto destaque.

“Tinha, porque isso? Porque ela tinha um parque industrial importante, tinha uma ferramentaria muito boa, tinha um setor de injeção de plástico forte, tinha um setor que já produzia e montava máquinas eletrônicas que poderia facilmente se adaptar, né. Tinha toda uma estrutura dessa parte de eletrônica montada porque ela montou

uma estrutura pra fabricar máquina eletrônica, então tinha estrutura já pra isso montada, né?” (Washington da Costa)

Alberto Barabana, com sua experiência atual de engenheiro, explica a importância para uma empresa ter a sua própria Ferramentaria. De qualquer forma, o tipo de serviço produzido pelas ferramentarias foram transferidos para empresas terceirizadas, nas “reengenharias” do novo paradigma de produção do final do século XX.

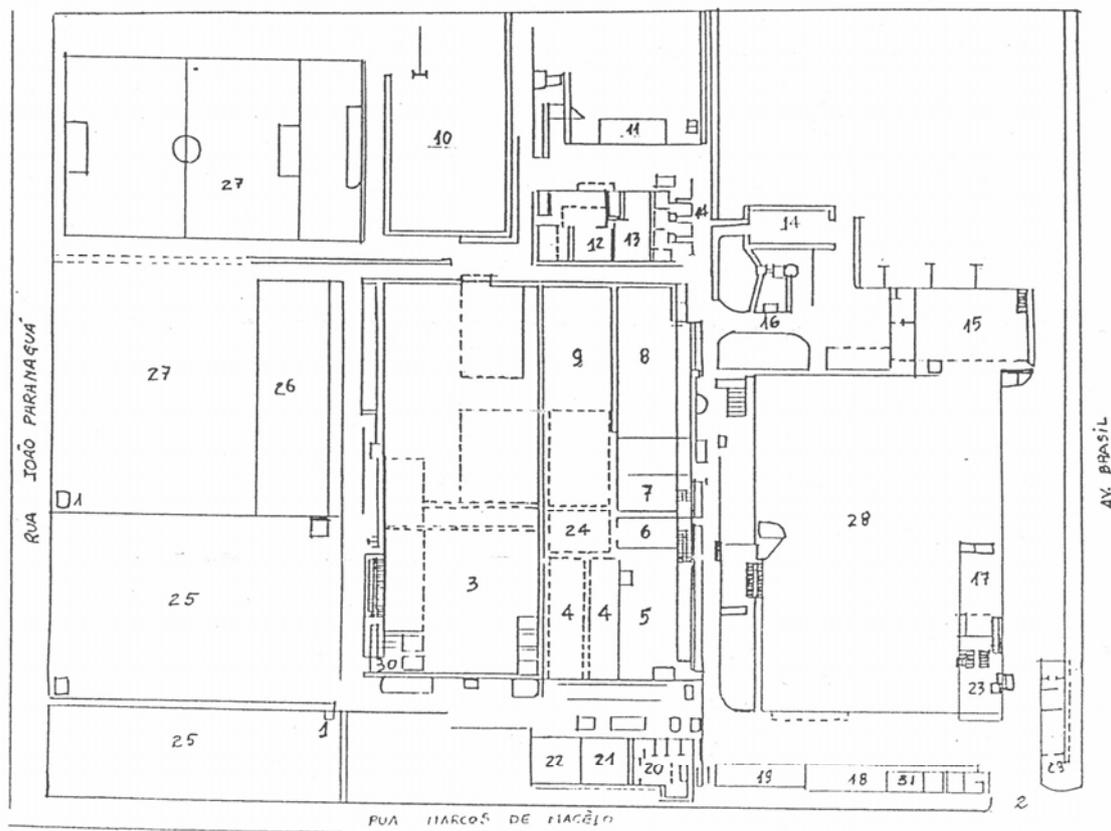
“A Remington tinha uma Ferramentaria que eu acho que era a melhor do Rio de Janeiro na época. Um maquinário espetacular né? Eu não imaginava que isso iria falir realmente e terminar né? (...) olha, hoje muitas empresas não tem uma ferramentaria. Eles vão terceirizar, até por causa das oscilações de produção. É mais gente trabalhando, é investimento em máquina né? hoje se prefere pagar (...) é um *Just In time*. Você trabalha em cima do pedido, praticamente de venda né? Mas na época não era assim né? Na época você media a firma pelo porte, pelo maquinário e a Remington trabalhava muito com plástico né? Então ela tinha um maquinário muito bom na Ferramentaria dela pra dar uma resposta rápida e precisa né? Pro desenvolvimento do produto.” (Alberto Barabana).

Nesse momento podemos ter uma idéia de como o espaço físico fica registrado na memória dos trabalhadores. Estamos, dessa forma, ampliando a análise das relações subjetivas que envolvem a memória social, na perspectiva de identificar sua construção identitária.

Foto aérea da Remington. Imagem extraída do Relatório Remington (anexo 4).



Imagem sem créditos.

Planta do parque industrial da Remington⁴².

LEGENDA

- | | |
|----------------------------------|--|
| 1. Guarita | 16. Gás |
| 2. Entrada | 17. Vestiário masculino |
| 3. Estoque de matéria-prima | 18. D.P. |
| 4. Prensas | 19. D.R.I. |
| 5. Ferramentaria | 20. Cozinha |
| 6. Engenharia | 21. Refeitório |
| 7. Tratamento térmico | 22. Contabilidade |
| 8. Galvanoplastia | 23. Vestiário feminino |
| 9. Fornos automáticos | 24. Rosqueadeira e furadeiras |
| 10. Setor de injeção de plástico | 25. Estacionamento |
| 11. Inflamável | 26. Linha de montagem / máquinas eletrônicas |
| 12. Serralheria | 27. Área de lazer |
| 13. Carpintaria | 28. Linha de montagem/máquinas mecânica |
| 14. Tipografia | 29. C.P.D. |
| 15. Estoque | 30. Gerência |
| | 31. Recepção |

- A planta original do parque industrial que se mantém inalterada até a presente data, foi elaborada pela Sperry Rand do Brasil S.A., que se retirou dos negócios da Divisão Remington em 1977 (ver Quadro 3.1).

⁴² Extraído do relatório de Lia Tiriba. Ver referências bibliográficas.

III.3 O espaço vazio e a saudade

“Olha, toda semana eu sonho com a Remington e sonho com a Remington trabalhando, cara. É uma coisa inacreditável, eu sonho com a Remington produzindo a máquina como a gente produzia, eu sonho a Remington produzindo novas coisas, eu botando a fábrica pra funcionar, os trabalhadores satisfeitos trabalhando”
(*Jadiel Menezes*)

A autogestão não foi só de lutas e mágoas. As alegrias também foram muitas. Os quase quatro anos de duração do projeto operário aproximaram trabalhadores da fábrica que “mal se conheciam”- conforme lembrado por Lea Maria - criou lideranças, realizou uniões amorosas.

A saudade dos momentos onde os trabalhadores “apostaram” no sonho de manter a fábrica em pleno funcionamento pôde ser constatada na pergunta sobre que tipo de reação o entrevistado sentia ao passar na frente da Remington nos dias de hoje, considerando que a fábrica foi derrubada pelo novo proprietário para dar lugar a um supermercado, em um possível empreendimento no futuro.

“Olha, toda semana eu sonho com a Remington e sonho com a Remington trabalhando cara, é uma coisa inacreditável, eu sonho com a Remington produzindo a máquina como a gente produzia, eu sonho a Remington produzindo novas coisas, eu botando a fábrica pra funcionar, os trabalhadores satisfeitos trabalhando, eu sonhei no início com a crise, aquela coisa toda mas depois, normalmente, de um certo tempo pra cá, de uns anos pra cá é só com ela bem. E fica uma tristeza muito grande pelo seguinte: a tristeza é o seguinte: é um parque com cem mil metros quadrados, quase 80 mil de área construída e que hoje podia estar produzindo. Ah! Mas produzindo máquina de escrever? Não. Podia estar produzindo coisas que o Brasil precisa hoje. Ah! O governo vai botar lá dinheiro pra fabricar? Não. Basta criar as condições especiais pra empregar gente. Não é? O objetivo é empregar as pessoas. Não é que vá empregar e só botar o dinheiro do governo, enfiar lá dentro e não ter resultado. Não, não é isso que a gente ta

falando. A tristeza é essa de você ver. Ta lá. Há anos e anos o troço, derrubaram tudo, não construíram nada”. (Jadiel Menezes)

Esse sentimento de tristeza e saudade foi encontrado em todas as entrevistas realizadas. Washington da Costa, um antigo militante das lutas sindicais, lembra que o caso Remington não foi o único no “desmonte” fabril ocorrido nas últimas décadas. Cita casos de empresas que passaram por processo falimentar semelhante ao da Remington.

“Passo sempre ali e dá uma tristeza danada ver aquilo. (...) Passo, passo em frente aqui ao Shopping Carioca, lembra da Standard? Dá uma tristeza danada...agora é incrível, acho que tem que...também tu amadurece, começa a ter outras experiências, tu vive uma situação que tava acontecendo, tu começa a pegar outras empresas...logo depois tu começa...como aconteceu...nesse período da Remington foi um período muito rico, por quê? Porque tinha varias experiências também no Rio Grande do Sul, nós tivemos. Pessoas lá vieram aqui, nós fomos a São Paulo. Criou-se uma associação de empresas autogestionárias, criou-se no período, né. Que nesse processo de venda podia ter feito. Só que nem tudo que a gente acha que é possível fazer, nem toda situação a gente tem controle total sobre ela. O problema é esse: não tinha o controle total sobre aquela situação. Principalmente sobre em função da situação jurídica e financeira, você não tinha. E é uma empresa muito grande, se fosse uma empresa, tipo, empresa de 30 trabalhadores, 40 é mais fácil, né?” (Washington da Costa)

As falas dos entrevistados vão quase se repetindo quando perguntamos o que eles “sentem” ao passar em frente a Remington nos dias de hoje. Foram falas carregadas de emoção. Mesmo para aqueles que nunca trabalharam na empresa, a Remington representava um símbolo de bons momentos para o setor metalúrgico.

“Olha só. Embora tivesse um prédio lá que era igual a essa Iona Cultural aqui. Embora aquilo, o Jadiel tinha me dito que aquilo não era

uma boa estrutura não, mas eu sempre vi aquilo como inovador, uma arquitetura renovadora, alguma coisa de modernidade. Eu sentia orgulho disso entendeu? Eu sentia orgulho da Remington mesmo se ser da Remington nem nada. Eu gostava, eu tinha uma Remington na minha casa. Eu tenho. Foi a primeira máquina de escrever que compramos em parceria com a, com meus irmãos. Eu comprei com meus irmãos uma Remington quando ainda tinha quatorze ou quinze anos. Eu nunca escrevi bem, minha irmã que escrevia bem nela. Até meia dura, tinha problema numa das teclas lá. Mas, era um órgão de respeito. Via com uma certa veneração. Passar ali, eu vi em vários momentos né? Teve um negócio lá. Teve tentativa de usar como depósito. Aí, acho tem um ano atrás. Um ano ou dois anos atrás, quando eu passei e vi demolido como um terreno baldio. Teve um período que teve um parque, que montaram um parque lá. Mas quando eu vi um nada ali, pô! Me deu uma tristeza. A gente já tava se sentindo impotente. Já tava se sentindo, até meio inútil porque você passou a tua vida toda lutando né? Pô! Os trabalhadores pegaram a fábrica na mão, entendeu? A gente, e aí? Não fizemos merda nenhuma com a fábrica, deixamos falir totalmente. Hoje não tem nada ali. Eu nem sei, nem tenho informação se eles receberam alguma coisa”. (Augusto José Machado)

Wilson Faleiro gostaria de perpetuar a memória da Remington através de uma “salinha” que ele próprio busca viabilizar, junto aos governos do Rio de Janeiro. A saudade também é a marca registrada em sua fala.

“Eu passo por Guadalupe e fico até arrepiado, porque eu sou obrigado, pela minha profissão hoje, que eu exercia de na Remington de Contador, e de vez em quando tenho um cliente em Santa Cruz, Campo Grande, ali mesmo em Guadalupe. Passo por ali e, sinceridade, me dá muita tristeza em ver aquilo ali. Única coisa que eu acho que vocês deviam tirar uma fotografia, tem uma torre lá com o nome Remington, não sei se você tirou foto (eu confirmo que sim). Tá lá até hoje porque eles não podem mexer naquela torre porque vai jogar água pra tudo quanto é lado, entendeu? E aquilo é um símbolo da nossa

Remington e lá é que eu espero que o governo compra, aproveitar aquela torre e fazer uma salinha ali. Fazer um museu”. (Wilson Faleiro)

Alberto Barabana, com sua característica de homem pragmático, afirma já não sentir muito a ausência da fábrica na bairro, mas trai o seu pragmatismo ao pensar nos motivos que levaram a extinção da Remington.

“Agora já não sinto mais né? Mas no início dava aquele aperto né? Você lembra de algumas coisas né? Você lembra que ali poderia ter continuado uma grande firma, de outra forma né? Fica imaginando se existe culpado né? Ou se a culpa é do próprio ‘mercado’ que se modificou e os caras não tiveram, sei lá. De repente a visão necessária ou não tiveram apoio né? Mas eu sei que até o apoio é muito difícil né?” (Alberto Barabana)

José Maria carrega sua fala com muito sentimento. Os moradores tem uma preocupação adicional com a falência da Remington: o que fazer com o terreno que está praticamente abandonado?

“Eu realmente fico muito triste, porque, eu lembro no decorrer da nossa entrevista, eu falei: ao ver aquele ‘elefante branco’, sem ocupação sem algo que fosse feito de importância, e me lembro também de todas as coisas que falei, das atividades sociais, culturais, esportivas e meu sentimento na verdade é de muita tristeza porque poderia continuar sendo o que representou para o bairro a Remington Rand e como também já falei, de sentimento de preocupação em função de ser uma área enorme totalmente sem controle de proteção e pode haver, como nós vemos em vários lugares na cidade do Rio de Janeiro, invasões desordenadas”. (José Maria).

Dona Arivalda mistura a saudade dos tempos de plena atividade da fábrica com a preocupação do que se passa nos dias de hoje. Não esquece dos muitos desempregados que a falência da Remington produziu no bairro.

“a gente via a Remington e o que é hoje. Só vê mato naquela Remington ali né? Isso me passa, sente como é que é? Aquela tristeza de vê. O que era a Remington e o que é hoje. Hoje em dia a Remington o que é entendeu? E, infelizmente né? Pra muitas pessoas que ficou desempregadas. E quando passa ali, também sentem, tem recordações.”
(Arivalda Cavalcante).

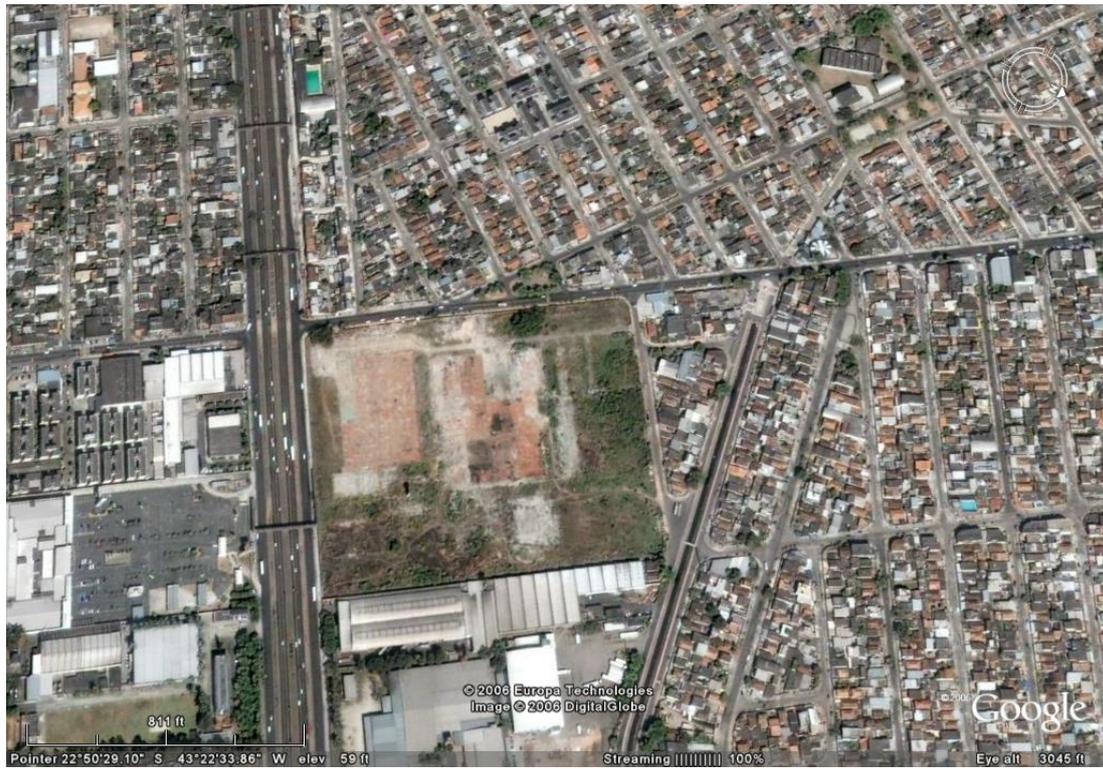
Maria das Graças, a trabalhadora que literalmente fechou as portas da fábrica, exprime sua opinião de forma simples e direta: “Dá uma dor no coração. Me dói, o coração. Dói muito o coração de fato”.

A redução drástica do parque fabril no Rio de Janeiro criou um “visual” peculiar na paisagem, principalmente, na região metropolitana. Vários prédios de fábricas que já não existem estão sendo “invadidos” para servirem de moradia a uma população cada vez mais carente. Algumas edificações conseguiram escapar desse destino e foram transformadas em novos estabelecimentos comerciais.

Uma das características comuns desses estabelecimentos é o de manter a estrutura arquitetônica fabril e no seu interior instalar a unidade comercial. São exemplos o Shopping Nova América, usando as antigas instalações da fábrica de Tecidos Nova América. O Supermercado Extra, com duas instalações nas imediações da “grande Tijuca”, usando a Fábrica de Tecidos Confiança – em Vila Isabel e a Cervejaria Brahma – na Tijuca. Criou-se, dessa forma, um espaço ressignificado onde o passado e o presente se encontram.

A Remington não terá essa sorte. Os que passarem, hoje, pelas suas antigas instalações só encontrarão um terreno baldio, sem destinação definida. Mesmo que lá fosse construída uma nova fábrica, ela jamais poderia se parecer com a antiga Remington. A velha fábrica de máquinas de escrever Remington Rand só existe na memória dos que a conheceram. Trabalhando ou passando em frente ao que restou dela e se admirando com a grandiosidade de suas instalações. As imagens a seguir nos fornecem uma pequena dimensão desse “vazio”.

Imagem aérea do terreno onde estava localizada a Remington.



Fonte: Site Google - 2006

Foto do interior da Remington após falência (1996).



Imagem sem créditos.

Fotos do terreno da Remington.



Imagens: Tainá Soares de Albuquerque, 2005.

Fotos do terreno da Remington. 2005.



Imagens: Tainá Soares de Albuquerque, 2005.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa acadêmica, a partir do enfoque da Memória Social, só encontra possibilidade de êxito se vinculada teoricamente a outros campos das Ciências Sociais, a exemplo da História e da Sociologia.

Foi nessa perspectiva que essa dissertação tentou contribuir para se tornar mais um instrumento de análise sobre os estudos do trabalho, sindicato e autogestão no Rio de Janeiro.

O trabalho de campo, sintetizado nas entrevistas realizadas, mostrou o quanto os relatos orais podem contribuir para confirmar ou negar nossas premissas básicas sobre o tema pesquisado. Posso afirmar que as análises teóricas precisam de maior atenção e cuidado na proporção em que aumentam o número de entrevistas realizadas. As relações dicotômicas do certo ou errado, bom ou mau, não se aplicam nas transformações de estruturas sociais. O exemplo do estudo de caso da Remington me ajudou a compreender isso.

Dentro das minhas hipóteses de pesquisa esperava encontrar um trabalhador que fosse um corpo monolítico na defesa pela autogestão socialista. Não encontrei esse corpo. Encontrei, sim, diversas vidas pulsantes: em alguns momentos agindo coletivamente, em outro como pessoas humanas diferenciadas com sonhos, apreensões, vida familiar. Ao ouvir tantos relatos compreendi o quanto é difícil acreditar nos sonhos futuros quando temos que viver a vida a cada dia que passa. Parafraseando Betinho “quem tem fome tem pressa”.

Outra hipótese que precisei reavaliar foi o comprometimento do Sindicato dos Metalúrgicos e da CUT com o projeto de autogestão da Remington. Esses dois órgãos de defesa do trabalhador poderiam ter feito mais para garantir o sucesso desse empreendimento? Decerto poderiam. Mas, como despendeu mais esforço do que foi

despendido quando os relatos dos sindicalistas entrevistados já haviam apontado para o difícil momento conjuntural pelo qual passava o mundo do trabalho, em pleno desmonte produtivo e drástica redução dos postos de trabalho, em especial no Rio de Janeiro? O próprio Sindicato dos Metalúrgicos tinha que dar conta em responder às demandas de mais de sete mil empresas sob sua esfera de atuação.

Acrescentamos as diferenças de concepção política acerca das viabilidades de um projeto “socialista” naquele momento. Vale fazer um parêntesis de que essas divergências políticas estão expressas nas disputas internas quando da formação de chapas para eleições sindicais e que o aprofundamento das divergências fez com que, nos dias de hoje, muitos militantes que fundaram a CUT em 1983, estão marcando essas diferenças dentro de uma outra “Central Sindical”, a CONLUTAS.

Esses são exemplos de como as hipóteses devem ser observadas com extremo cuidado. Ressalto que nos reportamos a relatos orais, guardando suas especificidades. O relato escrito em teses, livros, artigos, páginas na internet, etc., já são “devidamente filtrados” pelo autor. Eu mesmo estou fazendo isso quando “escolho” as passagens dos entrevistados que serão impressas. Não dá para ser diferente disso, só se pode esperar coerência de quem escreve, de acordo com as suas concepções de mundo.

A dissertação aponta para essas questões e prioriza o debate plural sem desconsiderar aspectos específicos que envolvem o mundo do trabalho, o espaço do trabalho (físicos ou não) e as inter-relações deles com o espaço urbano, aqui representado pelo bairro de Guadalupe, permanentemente citados nas falas dos trabalhadores.

As lembranças realçadas sobre a importância que a Remington representou para o bairro, somadas àquelas que se fixavam em pontos específicos de setores da fábrica, mostraram ser imprescindíveis na pesquisa acadêmica um cuidado especial no

tratamento que damos as coisas “simples” citadas pelos entrevistados. O exemplo da seção de ferramentaria, mencionada por quase todos os entrevistados, foi fundamental para que eu compreendesse como setores aparentemente “isolados” podem marcar a memória coletiva. Como foi a Ferramentaria, poderia ser qualquer outra ou até outros pontos de Guadalupe fora dos muros da Remington, bastava ter atenção mais direcionada para explorar aspectos gerais do bairro.

Pode-se afirmar que nas entrevistas, tendo como base de pesquisa a fábrica de máquinas de escrever Remington, constataram-se elos de ligação entre as memórias individuais constituindo, dessa forma, uma memória coletiva das trajetórias dessas pessoas - trabalhadoras ou não da Remington. Corrobora-se, assim, a relevância dos estudos em Memória Social e espero ter contribuído para reafirmar a pertinência do tema dentro da esfera acadêmica.

V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio/Jorge Zahar, 1987.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **O novo sindicalismo**. São Paulo: Brasil Urgente, 1991.
- _____. **A rebeldia do trabalho**. São Paulo: Editora Unicamp/Ensaio, 1988.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, Volume 1).
- BOITO Jr, Armando. **Reforma e persistência da estrutura sindical**. In, BOITO Jr, Armando. (org.). **O sindicalismo brasileiro nos anos 80**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUNO, Lúcia Barreti. **O que é autonomia operária?** São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando – Uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo: Difel, 1976.

- GOMES, Ângela M. de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice/IUPERJ, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice 1990.
- HARVEY, David. **A Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.
- HUYSSSEN, Andreas. **Passados presentes: mídia, política, amnésia**. In: _____. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LEITE, Márcia. **Trabalho e sociedade em transformação**. Porto Alegre: Sociologias, PPGS/UFRGS, n.4, 2000.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro (1955/1988)**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.
- MATTOSO, Jorge. **O Brasil desempregado: como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História - Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. v. 10, 1993.
- PESSANHA, Elina. **Metalúrgicos, sempre operários navais. Da cultura de direitos às perspectivas dos sem-fábrica da Indústria Naval do Rio de Janeiro**. In: RAMALHO, J. R. e SANTANA, M. A. (org.). **Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos**. Rio de Janeiro: D. P&A, 2001.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v.5, n.10, 1992.

- ____ **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RAMALHO, J. R. e SANTANA, M. A. **Tradição sindical e as mudanças econômicas dos anos de 1990: o caso dos metalúrgicos do Rio de Janeiro.** In: RAMALHO, J. R. e SANTANA, M. A. (org.). **Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos.** Rio de Janeiro: D. P&A, 2001.
- RODRIGUES, Iram J. **Sindicalismo e política: a trajetória da CUT.** São Paulo: Scritta/Fapesp, 1997.
- ____ **O sindicalismo brasileiro: da confrontação à cooperação conflitiva.** São Paulo: São Paulo em perspectiva, Fundação Seade, v. 9, n. 3, 1995.
- ROSSI, Paolo. *Ricordare e dimenticare.* In: _____. *Il passato, la memória, l'oblio; sei saggi di storia delle idee.* Bologna: Il Mulino, 1991. Tradução: Icléia Thiesen Magalhães Costa e Alejandra Saladino.
- ROUSSO, H. **O arquivo ou o indício de uma falta.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, 1996, p. 85-91.
- ____ **A memória não é mais o que era.** In: FERREIRA, M; AMADO, J. **Usos e abusos da história Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 93-101.
- SANTANA, Marco Aurélio. **Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990.** In Ferreira, Jorge e Neves, Lucília (org.). **O Brasil republicano,** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. IV, 2003.
- ____ **Trabalho, trabalhadores e sindicatos em meio ao vendaval contemporâneo.** Rio de Janeiro: Dados, IUPERJ, v. 43, n. 2, 2000.
- ____ **Militância, repressão e silêncio: relato de uma experiência com a memória operária.** In História Oral, 3, 2000, p. 35-47.

- _____ **Memória, Cidade e Cidadania.** In: Icléia T. M. & Gondar, J. (orgs). **Memória e Espaço.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.
- _____ **Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro.** São Paulo: Revista Brasileira das Ciências Sociais, Anpocs, n. 41, 1999.
- _____ **Cultura e identidade nos anos 80/90.** Florianópolis: Revista de Ciências Humanas, UFSC, v. 13, n.17/18, 1995.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A construção social da memória.** In: _____. **Memória coletiva & teoria social.** São Paulo: Annablume, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: _____ (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TIRIBA, Lia Vargas. **Autogestão e chão-de-fábrica. Um ensaio inspirado nos trabalhadores da Remington.** Relatório final da pesquisa: “Formação de Trabalhadores numa perspectiva de Autogestão”, apresentada ao Departamento de Teoria e Prática de Administração Escolar da UFF. Niterói, 1994.

VI – ANEXOS

1. O Perfil dos Entrevistados
2. Quadro dos entrevistados
3. Roteiros de entrevistas
4. Organogramas gerenciais da Remington: anterior, durante e após a gestão operária
5. Dados estatísticos do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IPP. Rio Atlas 2004
6. Relatório interno *Informações sobre a fábrica Remington Rand – Deodoro. Rio de Janeiro*. (fragmentos)
7. Imagens diversas

ANEXO 1: O PERFIL DOS ENTREVISTADOS

O Perfil dos Entrevistados

Das treze entrevistas que compõem essa pesquisa, pode-se dizer que fui bastante feliz na escolha dos entrevistados. A maioria deles teve contato direto com o processo de transformação da Remington, de empresa falimentar para empresa autogestionária e a sua extinção posterior. Além do perfil geral dos entrevistados, montei um quadro onde podemos visualizar informações básicas sobre cada um deles. Foram entrevistadas as seguintes pessoas¹.

1 – *Jadiel Menezes de Souza Filho* – gerente da Remington antes da autogestão, presidente da fábrica no período autogestionário. Jadiel tem uma quantidade enorme de recordações sobre a Remington, fez a gentileza de ceder material impresso sobre a fábrica. Foi ele que também me emprestou a pesquisa realizada na Remington sobre a autogestão operária, feita sob coordenação de Lia Tiriba. Suas recordações foram repletas de momentos de emoção. Hoje Jadiel mantém um escritório de representação comercial de produtos metalúrgicos.

2 – *Solange Maria do Nascimento Santos* – operária e trabalhadora administrativa no período anterior à autogestão, secretária da diretoria autogestionária. Solange é esposa do Jadiel, ela relata que foi na Remington que os dois se conheceram e constituíram família. De forma inesperada, mas não inapropriada, Solange se incorporou a entrevista do Jadiel e fez observações muito relevantes sobre o processo produtivo da fábrica. Brincando com o Jadiel sobre quem conhecia melhor a Remington ela relata: “eu tive que ensinar a ele o processo. É porque eu entrei em 73 pra 74, ele entrou em 76”. O seu jeito sério mas descontraído de opinar facilitou a troca de informações durante a entrevista. Em nenhum momento houve conflito de opiniões entre os dois. Solange continua trabalhando ao lado de Jadiel hoje no escritório de representação comercial.

¹ A ordem da apresentação do Perfil se refere a data em que se realizaram as entrevistas.

3 – *Washington da Costa* – presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Município do Rio de Janeiro na primeira gestão cutista; 1987 a 1989 e membro da Diretoria Executiva do Sindicato nas duas gestões posteriores. Foi também presidente da CUT-RJ na década de 1980. Foi o diretor do Sindicato com maior inserção política dentro da Remington, possui um carisma que o aproxima do trabalhador e tem o reconhecimento esperado. É muito respeitado pelo “peão” do chão de fábrica. Teve atuação decisiva na gestão operária com uma aproximação muito estreita com a Comissão de Fábrica gestora da empresa. Concedeu a entrevista com extrema boa vontade, tem um carinho muito especial com o projeto autogestionário. Em determinados momentos se exime de fazer críticas mais contundentes a pessoas ou grupos políticos que, segundo sua visão, atrapalhavam o processo. Sua fala, quase sempre, se mantém no campo do “politicamente correto”, o que é de se esperar porque ele continua ativo na política sindical e partidária. Hoje Washington é professor de ensino médio na Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro – CEFET.

4 – *Lea de Melo Oliveira* – operária da fabricação no período anterior a autogestão, membro da Comissão de Fábrica durante o período autogestionário. Lea foi entrevistada na dupla condição de participante ativa do processo autogestionário e por ser moradora do bairro de Guadalupe àquela época. Foi bastante crítica quanto aos “erros” de condução do processo autogestionário e enxerga na desunião do trabalhador os motivos do “fracasso”, fala dela, do projeto operário. Ainda guarda certa mágoa de antigos companheiros. Hoje Lea é funcionária pública municipal, tem saudades dos tempos de convivência social e política do bairro e da fábrica.

5 – *Augusto José Machado* – membro da Diretoria Executiva do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro a época da autogestão. A solicitação de entrevista ao Augusto se deu por dois motivos básicos: primeiro era amigo pessoal do Jadiel com quem durante algum tempo partilhou preocupações sobre a Remington e o Sindicato e, em segundo lugar, porque participava das decisões do Sindicato nas deliberações da sua Diretoria Executiva. Dessa forma, detém informações privilegiadas sobre o que se discutia, e se deliberava no Sindicato sobre a Remington. Mesmo dizendo, inicialmente, que pouco tinha a falar sobre a fábrica, pois sua área de atuação sindical era próxima a rodovia Presidente Dutra (faz autocrítica ao “respeitar” a divisão política no Sindicato no que ele chamou de “feudos”), Augusto traz uma grande quantidade de informações sobre a organização sindical no Rio de Janeiro.

6 – *Milton Constâncio da Costa* – trabalhador da Remington até a sua aposentadoria em 1992, hoje possui um bar próximo a antiga fábrica, na Rua Marcos de Macedo. Milton relutou bastante em nos conceder essa entrevista. Muito recolhido, respondeu quase que monossilabicamente as perguntas feitas. Como a entrevista foi realizada no seu bar, as constantes interrupções dos “fregueses” justificavam as curtas respostas. Espero que esse trabalho venha a ter continuidade de forma que possamos “completar” a entrevista. Tenho certeza de que Milton tem muito a contribuir.

7 – *José Maria da Silva* – antigo morador de Guadalupe, hoje aposentado da Marinha de Guerra. José Maria é o que chamamos de um bom “contador de histórias”. Tem uma memória privilegiada e lembra detalhes sobre o bairro e a Remington desde 1959, ano em que veio morar em Guadalupe. Tem uma forte preocupação social com a vida do bairro e principalmente sua cultura. Apóia vários empreendimentos culturais e espera, um dia, ver eleito um político comprometido com os interesses de Guadalupe, segundo

ele “o bairro tem votos pra eleger um vereador ou deputado”. Simbolicamente José Maria escolheu o bar de Milton Costa para conceder essa entrevista.

8 - *Maria das Graças Caetano de Amorim* – operária do setor de montagem, teve atuação destacada no processo de autogestão. Atuou como Vice-presidente da Associação de Funcionários. Foi a última trabalhadora a deixar a empresa. Segundo ela própria, ficou responsável pelo patrimônio fabril até o leilão, a pedido do Síndico da Massa Falida. Ainda atuou por um certo período como dirigente sindical metalúrgica.

9 - *Wilson da Silva Faleiro Filho* – funcionário da Remington até a falência em definitivo. Foi Presidente da Associação dos Funcionários e tem papel destacado atualmente na liberação das verbas rescisórias. Mantém um escritório de contabilidade, de onde gerencia as pendências financeiras dos trabalhadores com saldo a receber, junto ao sindicato dos Metalúrgicos. O fato das Ações da Remington terem sido repassadas a Associação dos Funcionários, a entrevista com o Sr Faleiro foi fundamental para esclarecer dúvidas quanto às responsabilidades jurídicas da autogestão.

10 - *Waldyr Delgado Filho* – ex-funcionário da Remington, recebeu convite da Comissão de Fábrica para ajudar no processo de autogestão. Seu compromisso político com o Partido Comunista Brasileiro – PCB, foi determinante na sua atuação dentro da Remington. Possuidor de uma cultura geral bastante abrangente, fez uma análise sobre os motivos que levaram o projeto autogestionário ao fim, de uma forma bastante autocrítica. Sua entrevista serviu de contraponto a algumas falas dos representantes sindicais quanto as responsabilidades político/sindicais nesse processo.

11 - *Arivalda Cavalcante da Silva* – moradora de Guadalupe e viúva de ex-funcionário da Remington. Arivalda tem muito orgulho da indicação de seu marido para “Operário Padrão” da Remington em 1979. Disponibilizou cópia do informativo para reprodução (anexo 7). Fez ressalvas para que lhe fosse devolvido o mais rápido possível a sua

“reliquia”, no que foi atendida. Suas lembranças tanto da Remington quanto do bairro são esparsas, onde acrescenta importância ao fato de seu marido ser Supervisor e “Diretor de Esportes” da empresa. Foi uma entrevista extremamente agradável de se fazer devido principalmente ao fato de Dona Arivalda nos tratar de forma bastante cordial.

12 - *Carlos Manoel da Costa Lima* – presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro no período coincidente com a autogestão na Remington (1990 a 1995). Somente esse fato já seria suficiente para entrevistá-lo, haja vista os compromissos assumidos entre o Sindicato e os trabalhadores da Remington. Carlos Manoel fez uma análise geral sobre as dificuldades impostas pela conjuntura naquela época. Tem uma posição semelhante às de outros sindicalistas quanto aos limites de ajuda que o Sindicato poderia dar aos trabalhadores da Remington. Sua entrevista também ajudou a esclarecer aspectos do funcionamento interno das diretorias cutistas no Sindicato.

13 - *Alberto Barabana* – ex-funcionário da Remington, morador de Guadalupe. Atualmente trabalhando como engenheiro em empresas metalúrgicas, sua entrevista tem significado especial pelo fato de Alberto ter uma visão pragmática da questão das relações trabalhistas. Vê o desemprego como um processo normal do desenvolvimento capitalista e acha “natural” a falência de empresas que não se modernizam. Em outras palavras, fala como um verdadeiro gerente pós-moderno (sem nenhum juízo de valor pejorativo ao termo). O seu trabalho como técnico na Remington permitia visualizar a produção como um todo de forma privilegiada. Por fazer um trabalho semelhante ao do Valdir Delgado, é interessante observar as diferenças de concepção de vida dos dois.

ANEXO 2: QUADRO DOS ENTREVISTADOS

Quadro dos entrevistados²

| Nome | Data e local de nascimento | local de residência atual | Formação | Profissão atual | Vínculo com a Remington | Data e local da entrevista |
|------------------------------------|----------------------------|---------------------------|-------------------------|--------------------------------|---|--|
| Jadiel Menezes Santos Filho | 1956; em Aracaju, Sergipe | Santa Teresa | Geógrafo | Representante de vendas | Supervisor de fabricação; presidente da autogestão | 18/04/05 Residência do Pesquisador |
| Solange Maria do Nascimento Santos | Não informado | Santa Teresa | Não informada | Representante de vendas | Funcionária, secretária da diretoria na autogestão | 18/04/05 Residência do Pesquisador |
| Washington da Costa | Rio de Janeiro | Ramos | Não informada. | Professor do CEFET | Diretor do Sind. Metal. na época da autogestão | 09/05/05 Residência do Entrevistado |
| Lea de Melo Oliveira | Rio de Janeiro | Campo Grande | Não informada | Funcionária do Município do RJ | Funcionária, membro da Comissão de Fábrica na época da autogestão | 29/05/05 Residência de amiga em Campo grande |
| Augusto José Machado | 1959; no Rio de Janeiro | Inhoaíba | Historiador | Prof. da rede pública do RJ | Diretor do Sind. Metal. na época da autogestão | 22/08/05 Residência do Pesquisador |
| Milton Constâncio da Costa | No Rio de Janeiro | Vila Valqueire | Não informada | Comerciante em Guadalupe | Funcionário, aposentado em 1992. | 21/10/05 No bar do entrevistado, próximo a Remington |
| José Maria da Silva | Rio Grande do Norte | Guadalupe | Advogado | Aposentado pela Marinha | Morador de Guadalupe | 25/10/05 No bar de Milton |
| Maria das Graças Caetano de Amorim | No Rio de Janeiro | Guadalupe | Ensino Fundamental | Metalúrgica | Funcionária, membro da Assoc. dos Funcionários | 11/06/06 Na casa da entrevistada |
| Wilson da Silva Faleiro Filho | No Rio de Janeiro | Jacarepaguá | Economista | Contador | Funcionário, Presidente da Assoc. dos Funcionários | 12/08/06 No escritório do entrevistado. |
| Waldyr Delgado Filho | No Rio de Janeiro | Petrópolis | Técnico Ensino Médio | Consultor Técnico | Funcionário, diretor da fábrica na autogestão. | 20/08/06 na residência do entrevistado. |
| Arivalda Cavalcante da Silva | 1925. | Guadalupe | Não informada | Do lar | Moradora de Guadalupe, viúva de um supervisor aposentado da fábrica | 27/08/06 na residência da entrevistada. |
| Carlos Manoel da Costa Lima | Rio de Janeiro | Niterói | Estudante de Museologia | Diretor de ONG. | Presidente do Sind. Metal. Rio de Janeiro (1990/1995) | 06/11/06 no escritório do entrevistado |
| Alberto Barabana | Rio de Janeiro | Guadalupe | Engenharia Eletrônica | Engenheiro | Morador de Guadalupe, Funcionário da Remington | 20/11/06 na casa do entrevistado. |

²A ordem dos entrevistados é relativa a data de realização das entrevistas.

ANEXO 3: ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Roteiros de entrevistas

As questões escolhidas para as entrevistas tiveram caráter geral de forma a garantir que as “especificidades” se construíssem ao longo da entrevista. A título de exemplo registramos três roteiros de entrevistas:

a) a que foi concedida por Jadiel Meneses, presidente da Remington no processo de autogestão.

I – Apresentação: quem é; de onde veio; quando começou a trabalhar; quais foram as impressões iniciais quando iniciou na Remington; perspectivas para o futuro naquele momento.

II – Quando a Remington entrou em processo de decadência quais eram as suas expectativas?

III – Como era a organização dos trabalhadores dentro da fábrica (Comissão de Fábrica, sindicato, etc.)

IV - Quando surgiu a possibilidade da gestão operária, qual era a sua expectativa?

V – Qual foi a reação do antigo patrão quando os trabalhadores assumiram a fábrica?

V – Qual foi a sua participação na fábrica nesse período? O trabalho mudou? Assumiu novas funções?

VI – No seu entender, quais foram os erros e acertos que podemos destacar na nova forma de gestão?

VII – Como foi a participação do Sindicato nesse momento?

VIII – Outras pessoas/entidades deveriam ter presença na fábrica para que a autogestão tivesse sucesso?

IX – O que você sente, hoje, ao passar diante do que sobrou da Remington?

b) a que foi concedida por Washington da Costa, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro a época da autogestão na Remington.

I – Apresentação: quem é; de onde veio; quando começou a trabalhar; como começou na atividade metalúrgica.

II – em que momento teve início a participação no Sindicato?

III – como foi o contato inicial com os trabalhadores da Remington?

IV – Quando surgiu a possibilidade da gestão operária na Remington, qual era a sua expectativa?

V – Qual foi a reação do antigo patrão quando os trabalhadores assumiram a fábrica?

VI – Qual foi a sua participação, como dirigente sindical no processo de autogestão?

VII – Como foi a participação do Sindicato nesse momento?

VIII – Como os trabalhadores viam a presença do Sindicato na Remington?

IX – No seu entender, quais foram os erros e acertos que podemos destacar na nova forma de gestão?

X – Outras pessoas/entidades deveriam ter presença na fábrica para que a autogestão tivesse sucesso?

XI – O que você sente, hoje, ao passar diante do que sobrou da Remington?

c) a que foi concedida por Wilson Faleiro, presidente da Associação dos Funcionários da Remington, responsável jurídica pela empresa após a desistência do antigo dono dos negócios da empresa.

I – Apresentação: quem é; de onde veio; quando começou a trabalhar; quais foram as impressões iniciais quando iniciou na Remington; perspectivas para o futuro naquele momento.

II – Como foi sua trajetória dentro da Remington?

III - O que levou a crise da remington?

IV - A falência da remington afeta o bairro?

V – na sua opinião, o sindicato teve participação ativa nesse processo?

VI - Quais as diferenças entre a Associação de Funcionários e a Comissão de Fábrica?

VII - Quando surgiu a possibilidade da gestão operária, qual era a sua expectativa?

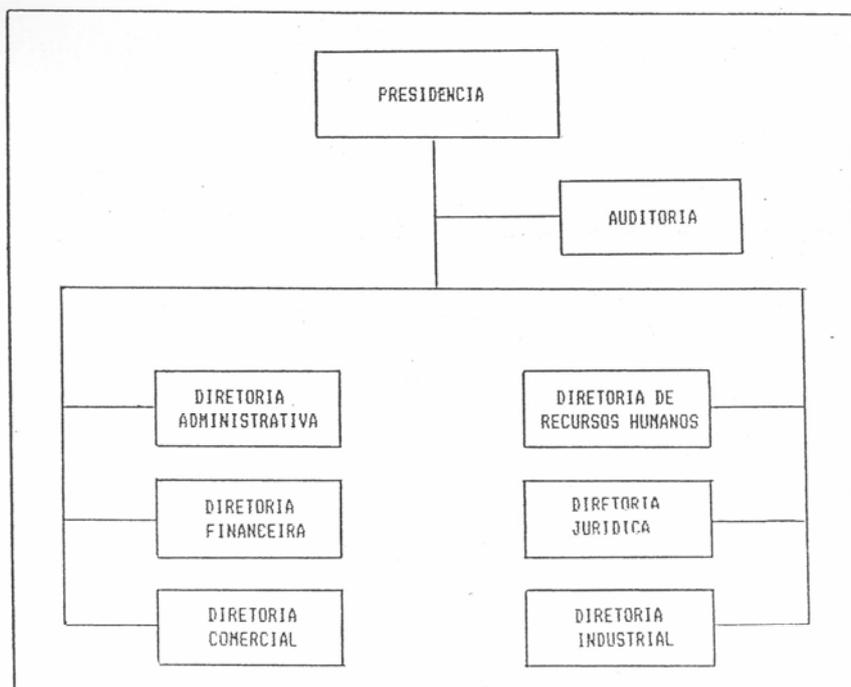
VIII - O que o funcionário pensava disso tudo?

IX - A Remington tentou se modernizar?

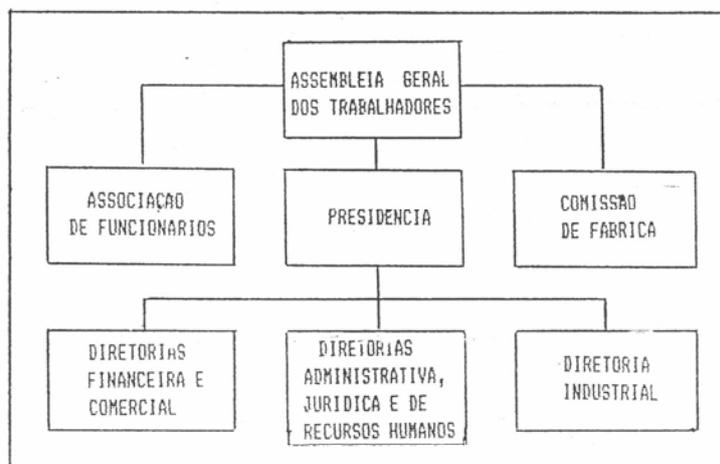
X - Como a diretoria antiga se comportou?

XI - O que você sente quando passa, hoje, na frente da Remington?

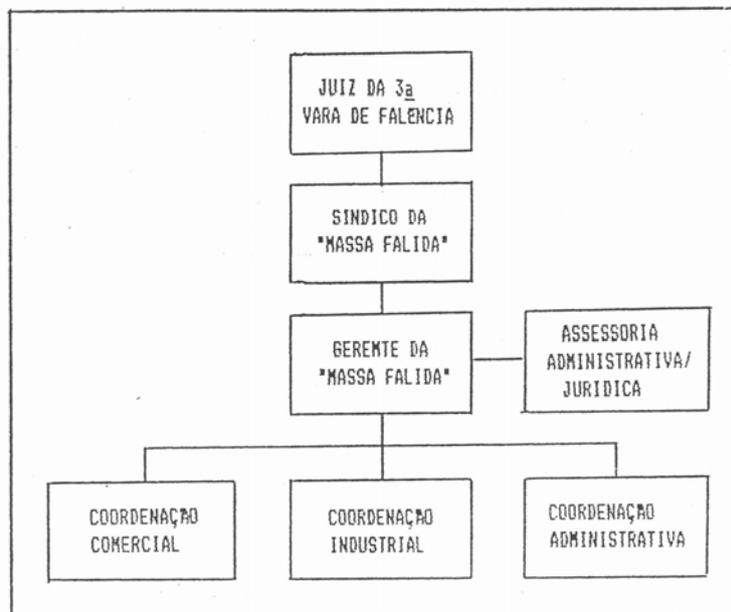
**ANEXO 4: ORGANOGRAMAS GERENCIAIS DA REMINGTON: ANTERIOR,
DURANTE E APÓS A GESTÃO OPERÁRIA**



- A hierarquia no processo de produção é garantida por uma estrutura verticalizada.
- Cada Diretoria, por sua vez, chefia os seguintes setores e departamentos:
 - Diretoria Administrativa: Controle/Procedimento; Serviços Gerais;
 - Diretoria Financeira: CPD; Controladoria; Tesouraria; Planejamento/Exportação
 - Diretoria Comercial: Vendas; Produtos; Datec
 - Diretoria de Recursos Humanos: DRI; Departamento Médico; Departamento Jurídico-Trabalhista; Segurança Industrial
 - Diretoria Jurídica: Assessoria Legal/Societária
 - Diretoria Industrial: PCP/PCM; Departamento de Montagem de Equipamento Mecânico; Departamento de Projetos e Desenvolvimento de Novos Produtos; Departamento de Engenharia Industrial; Departamento de Controle de Qualidade; Departamento de Fabricação; Departamento de Suprimento; Departamento de Ferramentaria; Departamento de Manutenção; Departamento de Montagem de Equipamento Eletrônico; Departamento de Custos Industriais; Tipografia



- Os estatutos da empresa não foram alterados a partir de agosto/90, assim, não encontramos na empresa nenhum organograma que expressasse a realidade da fábrica no período da gestão operária. O organograma acima trata-se de um esboço elaborado pelos pesquisadores.
- Note-se que a Assembléia Geral de trabalhadores é o órgão deliberativo máximo da empresa, tendo o poder, inclusive, de destituir diretores, conforme ocorreu com a Diretoria Comercial em meados de 92.
- A diretoria é indicada pela Associação de Funcionários, que, por sua vez, é eleita pelo coletivo dos trabalhadores.
- A participação dos componentes da Comissão de Fábrica e da Associação de Funcionários não se dava de maneira formal. Embora convocados para as reuniões da diretoria, a participação era voluntária, não sendo estabelecida pelos Estatutos da empresa.
- Os setores e departamentos subordinados às diferentes Diretorias se mantêm praticamente os mesmos.



- Tendo sido decretada a 'falência com continuidade' no final do ano de 1992, o Juiz da 3ª Vara de Falências estabeleceu um Síndico que, por sua vez, indicou um Gerente para dar continuidade aos negócios. Ambos iniciam sua intervenção na Remington em fevereiro/93.
- De fevereiro a agosto/94, os trabalhadores mantiveram-se, na prática, na direção da empresa. Daí em diante, as decisões passam a ser tomadas à revelia de seus interesses, como resultado da contra-ofensiva administrativa e operacional por parte dos interventores.
- Na condição de proprietária das ações da empresa e representante dos interesses da "Massa Falida", a Associação de Funcionários da Remington não tem poder de mando na continuação dos negócios, mas tem poder político de opinar, sugerir e, até mesmo, tentar interferir nas questões da empresa. A Associação chegou a solicitar, junto à 3ª Vara de Falências, em meados de 1994, a destituição do Síndico alegando tentativa de 'delapidação do patrimônio' através de decisões administrativas e operacionais que vinham gerando déficit na indústria, questão esta não acatada pela justiça até a presente data.
- Mesmo na situação de 'falência com continuidade', 98% das ações da empresa são de propriedade coletiva da Associação de Funcionários da Remington - entidade jurídica - cuja representação é eleita pelo coletivo dos trabalhadores. Cesare Demarchi mantém 2% das ações.

**ANEXO 5: DADOS ESTATÍSTICOS DO INSTITUTO MUNICIPAL DE
URBANISMO PEREIRA PASSOS – IPP. RIO ATLAS 2004.**

Bairro: Guadalupe

Código: 106
Data de criação: 23/7/1981
Área em ha: 382
Código Região Administrativa: 22
Região Administrativa: 22 - ANCHIETA
Código Sub-prefeitura: 8
Sub-prefeitura: ZONA NORTE
Área de Planejamento: 3
Código Administração: 19
Nome Administração: GUADALUPE
Total de Escolas: 14
Total de Alunos: 7.204
Total de Creches: 2

Tema: Território e Meio Ambiente

Áreas Naturais
Áreas Natural Total [2003]: 0.51 %
Áreas Natural de Floresta [2003]: 0 %
Áreas Natural de Floresta Alterada [2003]: 0.51 %
Áreas Urbanizadas e/ ou Alteradas
Área Urbana [2003]: 84.71 %
Área Urbana Não Consolidada [2003]: 0 %
Vegetação em Parques Públicos [2003]: 0 %
Unidades de Conservação
Área Total das Unidades de Conservação [2003]: 0 m2
Unidades de Conservação - APA
Área Total de APA [2003]: 0 m2
Unidades de Conservação - APARU
Área Total de APARU [2003]: 0 m2
Unidades de Conservação - ARIE
Área Total de ARIE [2003]: 0 m2
Unidades de Conservação - Parques
Área Total de Parques [2003]: 0 m2
Unidades de Conservação - Reservas
Área Total de Reservas [2003]: 0 m2

Tema: População

Pessoas Residentes
Total da População [2000]: 46.325
Pessoas residentes agregadas por estrutura etária
Total de Crianças [2000]: 10.604
Total de Idosos [2000]: 4.018
Relação Média de Idosos [2000]: 0.09
Jovens e Adultos [2000]: 31.703
Relação Média de Pessoas Dependentes [2000]: 0.31
Pessoas Residentes em Aglomerados Subnormais - (Favelas)
Total de Pessoas Residentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) [2000]: 4.139
Pessoas Residentes por Grupos de Idade
Pessoas Residentes de 0 a 4 anos de idade [2000]: 3.469
Pessoas Residentes de 5 a 9 anos de idade [2000]: 3.540
Pessoas Residentes de 10 a 14 anos de idade [2000]: 3.595
Pessoas Residentes de 15 a 19 anos de idade [2000]: 4.065
Pessoas Residentes de 20 a 39 anos de idade [2000]: 14.462
Pessoas Residentes de 40 a 59 anos de idade [2000]: 11.319
Pessoas Residentes de 60 a 79 anos de idade [2000]: 5.193
Pessoas Residentes de 80 e mais anos de idade [2000]: 682
Pessoas Residentes por sexo
Total da População Masculina [2000]: 21.560
Total da População Feminina [2000]: 24.765
Pessoas Residentes por sexo em Aglomerados subnormais (Favelas)
Pessoas Residentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) do Sexo Masculino [2000]: 2.009
Pessoas Residentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) do Sexo Feminino [2000]: 2.130
Responsáveis pelos Domicílios Particulares em Aglomerados Subnormais (Favelas) por sexo
Responsáveis pelos Domicílios Particulares em Aglomerados Subnormais (Favelas) do sexo masculino [2000]: 773
Responsáveis pelos Domicílios Particulares em Aglomerados Subnormais (Favelas) do sexo feminino [2000]: 383
Responsáveis pelos Domicílios Particulares por sexo
Responsáveis pelos Domicílios Particulares do sexo masculino [2000]: 9.000
Responsáveis pelos Domicílios Particulares do sexo feminino [2000]: 4.763

Tema: Domicílios

Em Geral

Total de Domicílios [2000]: 13.959
Densidade Domiciliar [2000]: 3.33 hab\domicílio
Espécie de Domicílios
Total de Domicílios Particular Permanente [2000]: 13.763
Total de Domicílios Particular Improvisado [2000]: 13
Total de Domicílios Coletivos [2000]: 183
Particular Permanente por coleta de lixo domiciliar
Domicílios Particular Permanente com coleta de lixo domiciliar [2000]: 13.455
Domicílios Particular Permanente sem coleta de lixo domiciliar [2000]: 308
Índice de Coleta de Lixo [2000]: 0.98
Índice sem Coleta de Lixo [2000]: 0.02
Particular Permanente por Condição de Ocupação
Índice de Imóveis Alugados [2000]: 0.17
Índice de Imóveis Próprios [2000]: 0.77
Particular Permanente por Instalação Sanitária
Índice de Banheiros [2000]: 0.99
Particular Permanente por número de moradores
Domicílios Particular Permanente com 1 morador [2000]: 1.474
Domicílios Particular Permanente com 2 moradores [2000]: 2.950
Domicílios Particular Permanente com 3 a 5 moradores [2000]: 8.171
Domicílios Particular Permanente com 6 ou mais moradores [2000]: 1.168
Particular Permanente por Tipo
Domicílios Particular Permanente do tipo Casa [2000]: 9.734
Domicílios Particular Permanente do tipo Apartamento [2000]: 3.882
Domicílios Particular Permanente do tipo Cômodo [2000]: 147
Particular Permanente por tipo de Abastecimento de Água
Domicílios Particular Permanente abastecido por rede de água [2000]: 13.081
Domicílios Particular Permanente abastecido por poço [2000]: 236
Domicílios Particular Permanente abastecido por outra forma [2000]: 446
Índice Abastecimento de água por rede [2000]: 58.22
Índice Abastecimento de água por poço [2000]: 0.01
Índice Abastecimento outra forma [2000]: 0.03
Particular Permanente por tipo de esgotamento sanitário
Domicílios Particular Permanente sem esgotamento sanitário [2000]: 98
Índice com Esgotamento Sanitário [2000]: 0.99
Índice Sem Esgotamento Sanitário [2000]: 0.01

Tema: Saúde

Mortalidade

Mortalidade Infantil [2001]: 20.90 por mil nascimentos
Mortalidade Perinatal [2001]: 33 por mil nascimentos
Mortalidade Neonatal Precoce [2001]: 12.80 por mil nascimentos
Mortalidade por Causas Violentas e Acidentais
Taxa de mortalidade por Agressão [2001]: 77.20 por 100 mil habitantes
Taxa de Mortalidade por Agressão com Arma de Fogo [2001]: 64.30 por 100 mil habitantes
Taxa de Mortalidade por Acidente de Transporte [2001]: 32.20 por 100 mil habitantes
Nascimentos por Sexo
Nascimentos do Sexo masculino [2002]: 447
Nascimentos do Sexo feminino [2002]: 390
Nascimentos por tipo de parto
Nascimentos por cesariana [2002]: 367
Nascimentos por parto vaginal [2002]: 472
Nascimentos segundo a duração da Gravidez
Nascimentos com até 27 semanas de duração da Gravidez [2002]: 6
Nascimentos com duração da Gravidez acima de 41 semanas de Gravidez [2002]: 827
Nascimentos segundo a idade da Mãe
Nascimentos com a idade da Mãe entre 10 e 19 anos [2002]: 159
Nascimentos com a idade da Mãe entre 20 e 39 anos [2002]: 661
Nascimentos com a idade da Mãe acima de 39 anos [2002]: 20
Nascimentos segundo o peso ao nascer
Nascimentos com até 1,4 Kg de peso ao nascer [2002]: 17
Nascimentos com peso ao nascer entre 1,5 a 2,9 Kg [2002]: 272
Nascimentos com peso ao nascer acima de 2,9 Kg [2002]: 548
Óbitos
Óbitos Infantis [2001]: 18
Óbitos Neonatal Precoces [2001]: 11
Óbitos Perinatais [2001]: 29
Óbitos por agressão [2001]: 36
Óbitos por Agressão com Arma de Fogo [2001]: 30
Óbitos por acidente de transporte [2001]: 15

Tema: Educação

Pessoas Residentes Alfabetizadas
Taxa de Adultos Alfabetizados [2000]: 0.97
Índice de Alfabetização [2000]: 0.95
Pessoas Residentes Alfabetizadas por Sexo
Pessoas Residentes Alfabetizadas do Sexo Masculino [2000]: 18.739
Pessoas Residentes Alfabetizadas do Sexo Feminino [2000]: 21.627
Pessoas Residentes Não Alfabetizadas por Sexo
Pessoas Residentes Não Alfabetizadas do Sexo Masculino [2000]: 1.077
Pessoas Residentes Não Alfabetizadas do Sexo Feminino [2000]: 1.413
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes por anos de estudo
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com menos de 1 ano de estudo [2000]: 585
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com 1 a 3 anos de estudo [2000]: 1.338
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com 4 a 7 anos de estudo [2000]: 4.126
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com 8 a 10 anos de estudo [2000]: 2.797
VAR_Q247: 4.616
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes acima de 15 anos de estudo [2000]: 268
unidades escolares particulares
Total de unidades escolares particulares [2003]: 13
Unidades escolares públicas Estaduais
Total de unidades escolares públicas estaduais [2002]: 2
Unidades escolares públicas Federais
Total de unidades escolares públicas federais [2002]:
Unidades escolares públicas municipais
Total de unidades escolares públicas municipais [2003]: 15

Tema: Imóveis

Licenças de Construção
Número de Construções Novas [2003]: 3
Área Total de Construções Novas [2003]: 818.54 m2
Unidades Residenciais em Construções Novas [2003]: 0
Total de Edificações de Construções Novas [2003]: 3
Transações Imobiliárias
Imóveis Totais Vendidos [2000]: 163
Casas Vendidas [2000]: 26
Apartamentos Vendidos [2000]: 43
Salas Vendidas [2000]: 3
Lojas Vendidas [2000]: 1
Terrenos Vendidos [2000]: 14
Uso Não Residencial - Comércio/Serviços
Número de Imóveis Comerciais e de Serviço [2000]: 652
Área Construída Não Residencial - Comércio/Serviços [2000]: 116.814 m2
Total de Salas com Uso Não Residencial [2000]: 108
Total de Lojas com Uso Não Residencial [2000]: 464
Total de Outros Imóveis com Uso Não Residencial [2000]: 80
Uso Não Residencial - Industrial
Número de Imóveis Industriais [2000]: 26
Área Construída Industrial [2000]: 135.673 m2
Uso Residencial
Número de Imóveis Residenciais [2000]: 9.311
Área Construída Residencial [2000]: 535.224 m2
Total de Casas com Uso Residencial [2000]: 2.913
Total de Apartamentos com Uso Residencial [2000]: 2.125
Total de Imóveis Proletários [2000]: 4.273
Total de Outros Imóveis com Uso Residencial [2000]: 0
Uso Territorial
Número de Imóveis Territoriais [2000]: 955
Área Territorial [2000]: 294.568 m2

Tema: Trabalho e Renda

Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes segundo a Renda Nominal Média em Salários Mínimos
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de até 1/2 SM [2000]: 58
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de 1/2 A 1 SM [2000]: 1.318
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de 1 A 2 SM [2000]: 2.074
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de 2 A 3 SM [2000]: 1.780
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de 3 A 5 SM [2000]: 2.797
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de 5 A 10 SM [2000]: 3.343
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de 10 A 15 SM [2000]: 734
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média de 15 A 20 SM [2000]: 304
Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes com Renda Nominal Média acima de 20 SM [2000]: 174

Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) segundo a Renda Nominal Média em Salários Mínimos

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de até 1/2 SM [2000]: 15

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de 1/2 A 1 SM [2000]: 237

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de 1 A 2 SM [2000]: 243

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de 2 A 3 SM [2000]: 154

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de 3 A 5 SM [2000]: 162

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de 5 A 10 SM [2000]: 74

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de 10 A 15 SM [2000]: 7

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média de 15 A 20 SM [2000]: 1

Responsáveis pelos Domic Partic Permanentes em Aglomerados Subnormais (Favelas) com Renda Nominal Média acima de 20 SM [2000]: 3

ANEXO 6: RELATÓRIO INTERNO *INFORMAÇÕES SOBRE A FÁBRICA*
REMINGTON RAND – DEODORO. RIO DE JANEIRO. (FRAGMENTOS)

Remington Rand do Brasil S. A.

**INFORMAÇÕES SÔBRE
A FÁBRICA REMINGTON RAND
— DEODORO, RIO DE JANEIRO**

PREPARADO POR OCASIÃO
DA VISITA DA ESCOLA
SUPERIOR DE GUERRA

16 de Junho de 1961

P R E F Á C I O

No dia 28 de outubro de 1957 foi solenemente inaugurada em Deodoro, no Distrito Federal, a PRIMEIRA FÁBRICA BRASILEIRA DE MÁQUINAS DE ESCREVER.

Essa importante inauguração atraiu centenas e centenas de convidados à Avenida das Bandeiras nº.16.060, naquele longínquo subúrbio, onde a Remington Rand construiu e instalou a sua fábrica no Brasil.

Foi incontestavelmente um grande acontecimento para o país, pois contou com a honrosa presença do Exmo. Sr, Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, do Embaixador Francisco Negrão de Lima, DD. Prefeito do Distrito Federal, e de Sua Reverendíssima Dom Helder Câmara, bem como de inúmeras outras personalidades de grande relêvo e importância.

Este resumo - que se destina à distribuição interna - foi impresso com o intuito principal de proporcionar aos funcionários da Remington Rand do Brasil, que ainda não tiveram a oportunidade de visitar a Fábrica das Bandeiras, uma visão da grandiosidade das suas instalações.

Outrossim, foram reunidas, na parte final desta publicação, algumas informações ligadas a esse importante empreendimento, as quais, estamos certos, serão de grande utilidade para responder às perguntas que são comumente formuladas pelos interessados, a respeito.





Foto 13

Uma das alas do Serviço de Máquinas Operatrizes, onde são usinadas diversas peças componentes das máquinas. Em primeiro plano, diversas bases em alumínio, que após terem sido controladas, vão ser usinadas.

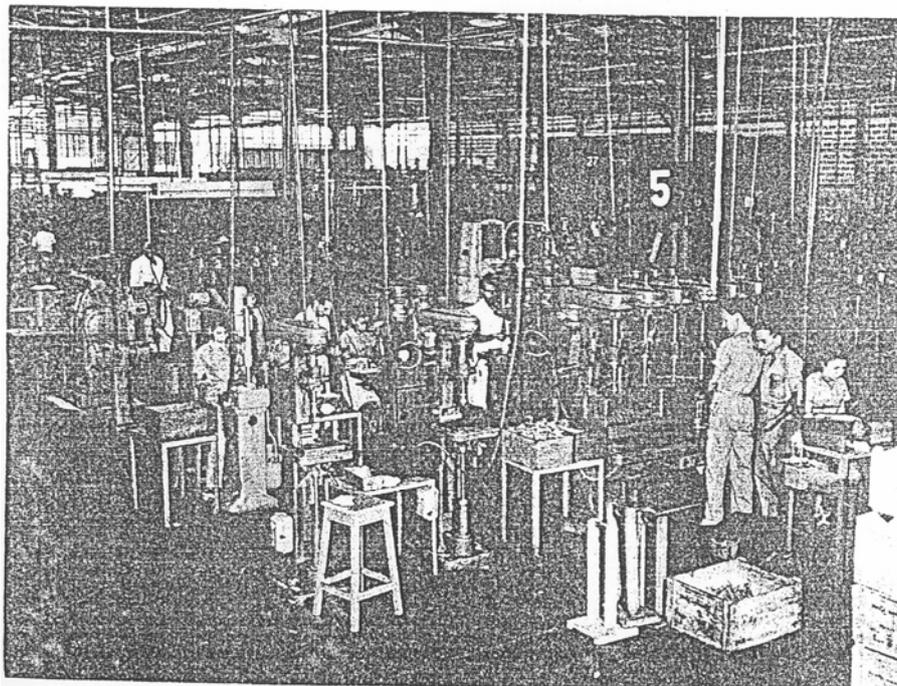


Foto 14

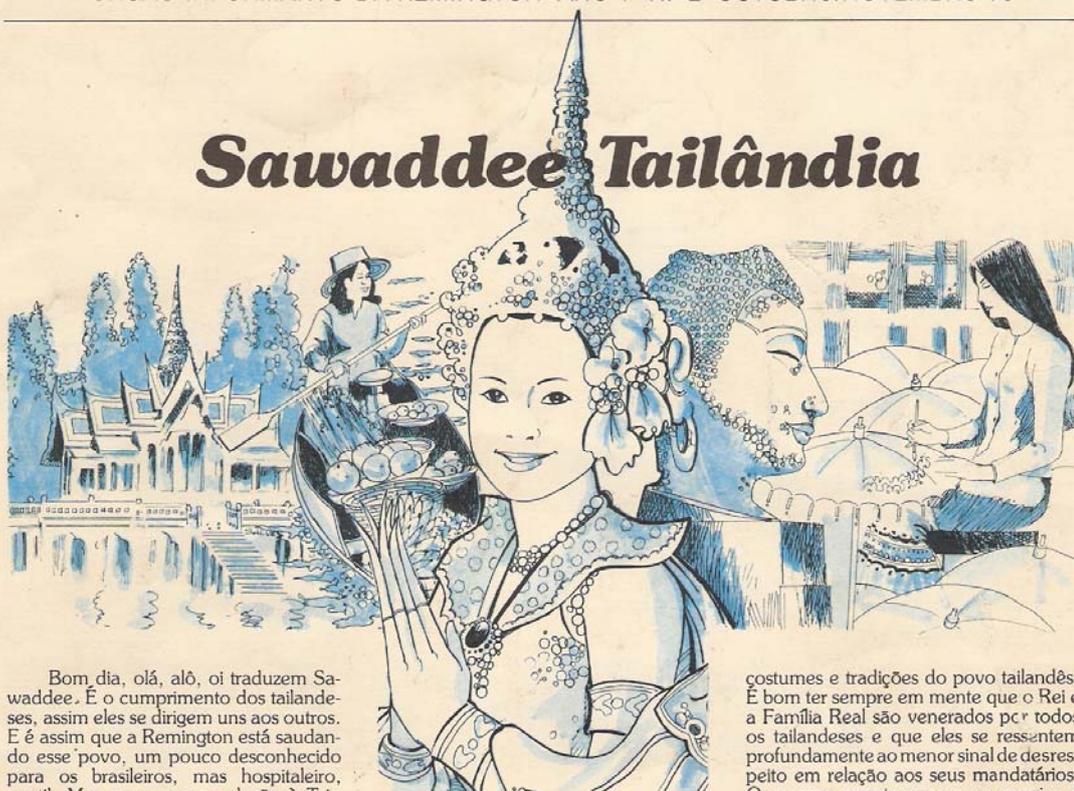
Secção de Máquinas de Furar. As operações são realizadas mediante dispositivos e segundo uma sequência que assegura um melhor rendimento para o operário que trabalha sob incentivo.

ANEXO 7: IMAGENS DIVERSAS

REMINGTON Jornal

ÓRGÃO INFORMATIVO DA REMINGTON • ANO 1 • N.º 2 • OUTUBRO/NOVEMBRO 79

Sawaddee Tailândia



Bom dia, olá, alô, oi traduzem Sawaddee. É o cumprimento dos tailandeses, assim eles se dirigem uns aos outros. E é assim que a Remington está saudando esse povo, um pouco desconhecido para os brasileiros, mas hospitaleiro, gentil. Mas por que a saudação à Tailândia?

Simplemente porque a Remington acaba de ganhar a maior concorrência já realizada pelo governo tailandês: 5.700 máquinas de escrever standard, fato inédito na Tailândia.

Este é um acontecimento muito importante para o Brasil e para a Remington. Para a Remington, pela prova irrefutável da aceitação de seus produtos no mercado internacional. E para o país, pela crescente confiabilidade do produto nacional no exterior. E, para quem não sabe, a Tailândia é apenas um dos 76 países do mundo para os quais exportamos tecnologia cem por cento brasileira.

E já que nossas máquinas estarão ocupando um lugar na Tailândia, vamos conhecer um pouco deste país.

A Tailândia é quase do tamanho da França, com 518 Km², portanto cerca de

26 vezes menor em área territorial que o Brasil. Ela tem 40.000.000 de habitantes, a língua nacional é o Thai, mas o chinês e o inglês também são falados na Tailândia. Como o nosso, seu clima também é tropical. Por isso, seus produtos principais são o arroz, a mandioca, a borracha, o côco, o trigo, o tabaco, a cana de açúcar e a soja, entre outros.

Os tailandeses são originários da China, do Vale Yangtze, onde foi fundado o Império de Nan Chao no ano de 650 A.C.. Um de seus importantes soberanos foi o Rei Ramkhamhaeng, um dos maiores heróis nacionais e cujos feitos incluem a criação do alfabeto Thai.

O Budismo é a religião nacional e o Rei é o defensor da Fé.

Afim de evitar ofensas, os estrangeiros devem se familiarizar com certos

costumes e tradições do povo tailandês. É bom ter sempre em mente que o Rei e a Família Real são venerados por todos os tailandeses e que eles se ressentem profundamente ao menor sinal de desrespeito em relação aos seus mandatários. O mesmo acontece com os monjes e pessoas idosas que são extremamente respeitados e que merecem um tratamento todo especial. Um digno exemplo de solidariedade humana e de civilização para todos nós.

Bangkok é a capital da Tailândia. Uma cidade moderna em todos os sentidos, com largas avenidas, excelentes hotéis, variado comércio e intensa vida noturna, oferecendo ao visitante um mundo de opções, seja no campo cultural ou no do lazer.

É neste país tão distante, cujo alfabeto é tão familiar ao operário que monta o teclado das máquinas exportadas para lá, que a Remington realiza esta importante transação - um fato digno de registro em seus longos anos de atividades comerciais.

Sawaddee Tailândia e Kobkoon - Bom dia Tailândia e muito obrigado.

³ Relíquia guardada por Dona Arivalda, relata a indicação de seu marido, Sr. Adelino, para "Operário Padrão 79". Ver próxima imagem.

Operário Padrão 79

Chama-se Adelino, tem 20 anos de Casa e três grandes paixões: sua família, seu trabalho e o time de futebol da Remington.



Uma Família Feliz

Carioca, 52 anos, casado, pai de três filhos - um rapaz e duas moças - e avô coruja de dois netos: um garoto de um ano e uma menina de três meses. Essa a família de Adelino Pereira da Silva. E sua primeira paixão: chegar em casa - sua casa, adquirida com o esforço de 40 anos de trabalho - e encontrar os netos brincando no quintal.

Um Profissional Realizado

Adelino começou a trabalhar com 12 anos. Era balconista no *Grande Bilhares Império*. Mas servir café para os tregueses era muito pouco para aquele garoto cheio de vontade de vencer na vida. Era tão pouco que, logo logo, acabou chegando a Gerente, responsável por todo o movimento da casa, desde supervisionar o novo garoto do café até controlar a cerveja do pessoal da sinuca.

Mesmo assim, ainda era pouco.

E, aos 23 anos, Adelino resolve trocar o Comércio pela Indústria. E vai ser Ajudante de Produção na Rheem Metalúrgica. Menos de um ano depois já era Operador de Máquinas, conhecendo todo o funcionamento das máquinas de sua seção. Pouco mais de um ano neste cargo e nova promoção: Capataz de Linha, assessor direto do Supervisor no comando do pessoal e seu eventual substituto.

Dedicado ao extremo, foi convidado para realizar o único operário num curso de técnicos - um treinamento para manejo e operação da primeira impressora off-set adquirida pela Rheem. E não é que, em pouco tempo, Adelino já dominava a máquina, operando-a sem qualquer orientação de técnicos ou engenheiros?

Mas isso ainda era pouco.

Por isso, em abril de 59, ele entrava na Remington, que naquele tempo ainda se chamava Remington Rand, como Ajudante de Oficina, na seção de pintura a pistola. E em janeiro de 60 já era Chefe de Equipe nas seções de Pintura e de Montagem.

Três anos depois, passa a Supervisor dessas duas seções e de mais outras três: Borracha, Retífica e Furadeira.

Atualmente, com as mudanças do layout da Fábrica, essas seções ficaram muito distantes umas das outras. Apenas por isso é que Adelino ficou somente como Responsável pela seção de Borracha, no galpão da fabricação.

Para a Remington, é muito importante contar com o Adelino. E aí vão dois fatos que marcam sua história profissional em nossa Empresa: primeiro, quando da montagem das primeiras 10.000 máquinas portáteis Remington 10. A seção de Ferramentaria não aprontou, em tempo hábil, os gabaritos para que as peças fossem rosqueadas. Isto implicaria em atraso no lançamento. Ai, Adelino fez, em madeira, uns gabaritos mais rústicos. E a produção saiu no tempo certo. O segundo fato: quando da introdução de uma segunda cor nas carcaças das máquinas, Adelino inventou uma máscara que possibilitava pintar essa segunda cor sem precisar utilizar fita gomada. Com isso o trabalho ganhou mais qualidade e maior rapidez.

Adelino fez, na Remington, vários cursos, a fim de aprimorar ainda mais sua capacidade profissional: Desenvolvimento de Supervisores - MEC/DEI, em junho de 68; Responsabilidade de um Supervisor - Remington, em março do mesmo ano; Curso Básico de Segurança - SENAI, em agosto de 75 e Treinamento Básico para Administradores - também no SENAI, em outubro de 75.

É um colecionador de Diplomas de Agradecimento, Honra ao Mérito (em reconhecimento à colaboração prestada durante o ano de 77 na Campanha de Segurança e Higiene do Trabalho) e de Medalhas por Tempo de Serviço.

Trabalhar há 20 anos na Remington sem nunca ter sido, durante todo esse tempo qualquer falta ou atraso, Adelino Pereira da Silva bem merece o título de Operário Padrão de 1979, um homem cujo trabalho é sua segunda paixão. Afinal, nada mais justo para quem tem tal folha de serviço. E começou sua vida profissional na maior sinuca.

Uma Paixão que, às Vezes, lhe Traz Dor de Cabeça

Esporte terceira paixão forte da vida de Adelino.

Dedica-se há 15 anos às atividades esportivas, levando o nome da Remington aos quatro cantos do Estado.

É Diretor de Esportes da Associação Remington, sendo sempre reeleito por unanimidade, coisa difícil de se conseguir hoje em dia. Já levou a Remington para a disputa de vários torneios: Copa Arizona de Futebol, Campeonato Classista, Torneio de Futebol dos Metalúrgicos, Campeonatos do SESI de Futebol de Campo, de Salão e Tênis de Mesa.

Apesar de seus 52 anos, ainda está em forma, disputando taças e troféus pelo time de veteranos da Remington.

Está sempre presente apoiando as atividades esportivas da nossa Associação, pessoa querida e imprescindível que é nessa atividade do nosso quadro social.

É torcedor apaixonado do time da Casa, que, às vezes, o faz vibrar quando sai de campo com uma vitória.

E que o deixa triste, acabrunhado e de cabeça inchada, ao amargar o gosto da derrota.

Adelino é assim. Uma pessoa digna, trabalhadora, amiga, companheira e importante para todos nós. Pelo que tem, pelo que faz, pelo que é, bem merece ser o nosso Operário Padrão/79.

Notícias

• Formando-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Educação em Ciências e Licenciatura de Matemática Pura e Aplicada, nosso colega da Filial Brasília, João Evangelista de Oliveira.



• A Matriz e Filial Rio instituíram o 1º Campeonato de Xadrez que contou com vários participantes. O campeão foi o Sr. Dante Ayala, sendo vice-campeão, Manoel Pinedo, seguidos de Honorato de Oliveira, José Pedro e Paulo Roberto Motta, respectivamente, 3º, 4º e 5º colocados. A entrega das medalhas aos vencedores foi feita no dia 24.08.79. Uma dica para os que não praticam o jogo de xadrez e desejam aprender. Procurem o Sr. Hebard - ramal 280 ou Sr. Ayala ramal 243. E aguardem para breve o 1º Campeonato para Iniciantes.



• A Remington está cada dia se expandindo mais Além das novas filiais recentemente inauguradas em Salvador e Curitiba, do novo endereço de Jelo Horizonte como prova de dinamismo de sua Diretoria, temos agora mais três Pontos de Vendas instalados em Belém à Rua 13 de Maio, 477, conj. 502-Edifício Mercúrio; em Fortaleza, Ceará, à Rua Pedro Borges, nº 33, sala 336 - Palácio Progresso e no ABC Paulista, São Bernardo do Campo, à Av. Indico, Nº 30 - 7º andar, sala 73. Assim nossa Organização se expande a cada dia em busca de melhor cobertura do mercado brasileiro, com o propósito de oferecer à nossa clientela e à nossa Organização de Revendedores um melhor apoio e assistência.



• Após 32 anos de completa dedicação à nossa Empresa, requereu sua aposentadoria, o Sr. Rodolpho Vicente de Mendonça Filho. A ele desejamos o melhor e nossos agradecimentos por sua vibrante luta e imagem íntegra que deixa aos seus colegas.



• Também retirou-se de nossa Empresa, o Sr. João Paulo Cruz Santos que ocupava o cargo de Gerente de Relações Industriais. Ao João Paulo nossos votos de sucesso em suas novas atribuições.

Fotos da “assembléia” de ex-funcionários da Remington ainda com pendências trabalhistas. Reunião convocada por Wilson Faleiro.



Fotos: Alexander Albuquerque, agosto de 2006